



PUC RIO

LIA DE CHERMONT PRÓCHNIK

NARCISISMO E IDENTIFICAÇÃO NA RESOLUÇÃO DO
COMPLEXO DE ÉDIPO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Departamento de Psicologia

Rio de Janeiro, agosto de 1980.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

B C — PUC

DOAÇÃO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Departamento de Psicologia

NARCISISMO E IDENTIFICAÇÃO

NA RESOLUÇÃO DO

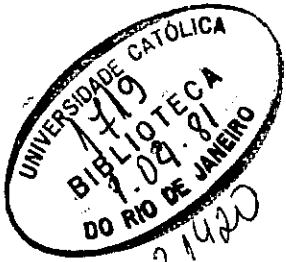
COMPLEXO DE ÉDIPO

Lia de Chermont Próchnik

Tese submetida a exame
como requisito parcial
para a obtenção do grau
de Mestre em Psicologia


Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1980

LM



150
P963M
TESE UC

N. Chamada: 150/P963M/TESE UC
Título: Narcisismo e identificação na resolução



0 0 3 1 4 2 0 2177
Ex 1-CENTRAL

A rectangular label with a black background and white text. It contains the call number "N. Chamada: 150/P963M/TESE UC" and the title "Título: Narcisismo e identificação na resolução". Below the title is a barcode. Underneath the barcode are the numbers "0 0 3 1 4 2 0" and "2177". At the bottom left, it says "Ex 1-CENTRAL".

Para Gustavo e Ivo
meus filhos

Humberto,
meu marido

Stefan e Veronica,
meus pais

presenças estimulantes
e confortadoras

What you inherited from your
fathers you must acquire
yourself in order to possess it.

(Goethe)

Meus agradecimentos

ao Dr. Carlos Paes de Barros
pela paciência, delicadeza e
confiança com que sempre ori-
entou esta tese.

ao Humberto, pelo apoio e en-
tusiasmo que sempre demons-
trou nos momentos mais difi-
ceis.

aos meus pais, sem cuja aju-
da e carinho este trabalho -
não teria sido realizado.

ao Luiz Duprat, cujos escla-
recimentos sempre oportunos
ajudaram de forma decisiva
na elaboração deste trabalho.

ao Departamento de Psicolo
gia da PUC/RJ.

RESUMO

O objetivo básico do presente trabalho é discutir de que maneira o mecanismo de identificação pode ser usado, em certos casos de forma patológica acarretando com isso consequências específicas quando na fase do complexo de Édipo.

Partimos, inicialmente, do estudo do aparelho psíquico e do desenvolvimento psico-sexual uma vez que essas teorias serviriam para embasar nossa dissertação.

Uma vez feitos, nos capítulos 2 e 3, uma sistematização do conceito de identificação e complexo de Édipo situando os segundo sua história e evolução dentro da obra freudiana, apresentamos também os pontos de vista de alguns autores pós-freudianos a respeito do conceito de identificação.

O 4º capítulo detém-se na apresentação de algumas idéias sobre a teoria do narcisismo. A relevância das mesmas é percebida a partir da conexão que é estabelecida entre a identificação e as fases iniciais do desenvolvimento - fase de simbiose com a mãe e fase oral.

Por fim concluímos que existe uma relação específica entre a utilização patológica do mecanismo de identificação e o desenvolvimento patológico do narcisismo.

As chamadas personalidades narcísicas empregarão, de forma maciça, a identificação, de tal maneira que, quando na fase do complexo de Édipo, ao invés de alcançarem a sua resolução, somente conseguirão uma repressão do desejo; este, por sua vez

persistirá se manifestando. O emprego maciço da identificação com a figura rival cristalizará, no indivíduo, a fantasia primária de onipotência e perfeição narcísica e também de conquista do primeiro objeto de amor.

SUMMARY

The basic object of the present work is to discuss the form under which identification mechanism may be used in certain cases in a pathological manner, bringing about specific consequences whenever in the Oedipus complex phase.

Initially we start from the study of psychic apparatus and psycho-sexual development, since these theories shall serve as the basis for our work.

In chapters 2 and 3 the systematical organization of identification concept and Oedipus complex is made in accordance to historical and evolutionary framework within Freudian work as are also some post-Freudian authors' point of view concerning the identification concept.

Chapter 4 is dedicated to the presentation of certain ideas regarding narcissistic theory. The relevance of this is sensed within the context of connection established between identification and the initial developmental stages - symbiosis phase and the oral atage.

Finally, it is concluded that a specific relation exists between the pathological use of identification mechanism and pathological development of narcissism.

The so called narcissistic personality uses identification in massive form, in such a manner that, when at the Oedipus stage, instead of reaching its resolution, it achieves only the repression of desire; this, in turn, persists in manifesting itself. On the other hand the massive employment of identification with the rival figure shall

crystalize in the individual the primary phantasy of omnipotence and narcissistic perfection and also the conquest of the first love object.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1º CAPÍTULO - O APARELHO PSÍQUICO E O DESENVOLVIMENTO PSICO-SEXUAL.....	6
1.1) O Aparelho Psíquico.....	6
1.1.1 - A 4ª Topografia - Ego, Id, Superego.....	10
1.2) Desenvolvimento Psico-Sexual.....	20
1.2.1 - A Sexualidade.....	20
1.2.2 - A Libido.....	21
a - A libido e as relações objetais.....	21
b - Distribuição da libido: as fases psico-se- xuais.....	24
2º CAPÍTULO - COMPLEXO DE ÉDIPO - SURGIMENTO E EVOLUÇÃO NA OBRA DE FREUD.....	30
3º CAPÍTULO - SOBRE A IDENTIFICAÇÃO.....	48
(3.1) O conceito de identificação dentro da teoria freu- diana.....	48
(3.2) Conceito de identificação segundo alguns autores pós-freudianos	63
4º CAPÍTULO - SOBRE O NARCISISMO.....	79
(4.1) Freud.....	79
4.2) Alguns autores pós-freudianos.....	82
CONCLUSÕES.....	93
APÊNDICE I.....	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	104
LEITURAS ADICIONAIS.....	113

INTRODUÇÃO

O presente estudo deslizou ao longo de inúmeros caminhos e hipóteses: conversou algumas, abandonou outras. Tentaremos a seguir apresentar, na medida do possível, como se desenvolveu nosso trabalho desde o projeto inicial até o estádio que atingimos aqui.

Inicialmente nossas preocupações centralizavam-se ao redor de duas questões: a primeira, uma pergunta, a segunda, uma hipótese. Queríamos entender melhor um fenômeno de ocorrência bastante frequente que era o de coincidências de história de vida entre filhos e pais. Ou melhor, pessoas que se assemelhavam (em atitudes, gestos, comportamentos etc.) de forma tal à figura de um dos genitores, normalmente o do próprio sexo a ponto de sugerirem aquilo que Heiman tão bem expressa como "internalized parents that are felt as foreign bodies embedded in the self..."⁵⁸. Alguns trabalhos de Freud vieram acentuar essa perspectiva: entre eles o caso Dora¹⁰ e o caso do menino relatado em "Moisés e o Monoteísmo"⁴⁹. No Primeiro Freud fala da sintomatologia de Dora (sua tosse histérica) atribuindo-lhe diferentes significados; a tosse imitativa tanto pode representar uma solidariedade ao pai quanto seu amor por ele. Aqui, no entanto, só se tratava de um traço isolado com o qual Dora se identifica para, através dele, simbolizar seus desejos reprimidos. Já o caso trazido em "Moisés" apresenta um aspecto de fundamental diferença com relação a este: trata-se de um menino que se tornara uma "cópia fiel" - do pai "tal como formara uma imagem deste em sua memória..."⁴⁹. Ou seja, já não se trata mais, apenas, da reprodução ou "imi

trata mais, apenas, da reprodução ou "imitação" de traços isola dos mas da possibilidade de se transformar em uma réplica da fi gura parental. Uma vez que encontramos a questão colocada den tro da leitura psicanalítica associamos a ela várias outras ou seja:

1) Porque ocorre isso dessa maneira?

2) Qual o mecanismo subjacente a esse processo de a quisição de características de um outro?

3) Esse tipo de ocorrência estaria associada a um ti po específico de personalidade normal e patológica ou a algum tipo específico de neurose?

4) Essas características assim adquiridas passariam a fazer parte do ego da pessoa e se integrariam a ele ou forma riam como que um outro ego paralelo àquele já existente?

Com essas e outras tantas perguntas em mente levanta mos uma hipótese inicial que mais ou menos dirigiu todo nosso trabalho: em primeiro lugar suspeitamos que essa busca de se tornar o mais possível semelhante a uma das figuras parentais possuía alguma ligação com a situação edípica não resolvida; mas de que maneira? a possibilidade de se tornar o genitor rival - cristalizaria a fantasia inconsciente de conquista do objeto de de sejado, o outro genitor - ser o outro possibilita ter o que ele tem: no caso do menino, ter a mãe e no da menina, ter o pai. O mecanismo que levaria a isso seria o de identificação. Portan to nossa hipótese consistia em admitir o recurso de identifica-ção com a figura parental rival como tentativa inadequada de resolução do desejo edípico.

Temos assim uma pergunta: porque certas pessoas se tornam à imagem e semelhança de seus pais? e uma hipótese: possivelmente isso ocorre em função de uma situação edípica não resolvida, reprimida, que procura a realização do desejo através de se perceber sendo o rival para ter o que ele tem.

Nossa explicação porém não nos satisfaz pela seguinte razão: um grande número de pessoas atravessa e termina a fase edípica sem malograr uma resolução ideal, segundo nos diz o próprio Freud, porém nem todas vão recorrer ao expediente de identificação com o rival como única forma de resolverem seus conflitos. Portanto, querer entender nosso fenômeno (pessoas em busca de uma identidade absoluta em relação a um dos genitores) tomando como base apenas um "Édipo" mal resolvido não constituiria em si razão suficiente. Antes de mais nada faltava saber que tipo de pessoas se utilizavam basicamente do mecanismo de identificação para atingir esse fim. Passamos então a uma segunda fase em nosso trabalho; tentar descobrir se haveria algum tipo de neurose e de personalidade que se utilizaria basicamente do mecanismo de identificação como forma de defesa. Uma vez descoberto isso poderíamos mais facilmente compreender a situação edípica e sobretudo as consequências do seu desfecho.

Embora nosso estudo tenha se centralizado sobretudo nos textos freudianos vários outros autores foram consultados para permitir que uma visão mais ampla fosse conseguida. Desse modo dividimos nosso trabalho da seguinte forma:

No primeiro capítulo é feita uma breve apresentação dos modelos do aparelho psíquico e do desenvolvimento psico-

sexual uma vez que essas teorias serviram de base para o desenvolvimento do tema da dissertação.

No segundo capítulo fizemos um levantamento do conceito freudiano de complexo de Édipo, procurando explicitar a sua evolução, isto é, as modificações pelas quais passou dentro da obra de Freud.

O terceiro capítulo é dedicado à sistematização do conceito de identificação, tanto dentro da obra de Freud, quanto em autores pós freudianos, mais especificamente Koff, Balint, Fenichel, Grinberg e Belmonte Lara.

O quarto capítulo apresenta algumas concepções sobre o narcisismo, começando com a teoria freudiana clássica, porém focalizando ainda outros autores, como Lichtenstein, Stolorow, Kernberg, Kohut, com especial atenção às contribuições de Hugo Bleichmar.

Por fim apresentamos nossas conclusões calcando-se sobretudo nas idéias de Bleichmar.

Nossas primeiras conclusões procuram mostrar o vínculo existente entre um desenvolvimento anormal do narcisismo e a utilização patológica do mecanismo de identificação. Em seguida, partindo da idéia de que na fase edípica, e mais particularmente na sua dissolução, estão envolvidas questões narcísicas por excelência, concluimos que as chamadas personalidades narcísicas enfrentarão conflitos específicos quando na fase da resolução do complexo de Édipo os quais procurarão resolver através do recurso de identificação com o rival, com isso

cristalizando o desejo edípico ao invés de alcançar sua plena resolução.

1º CAPÍTULO

O Aparelho Psíquico e o Desenvolvimento Psico-Sexual

1.1) O Aparelho Psíquico:

Ao longo do seu trabalho teórico Freud apresenta quatro modelos topográficos do aparelho psíquico.

1ª Hipótese Topográfica: desenvolvida e apresentada no "Projeto para uma Psicologia Científica"⁵¹, 1895, fala em tres grandes sistemas neurônicos, a saber: Sistema Neurônico Phi, Sistema Neurônico Psi (psi Nuclear, Psi-pallium, Psi-pallium inibido pelo ego), Sistema Neurônico Ômega.

2ª Hipótese Topográfica: apresentada no capítulo VII de "A Interpretação dos Sonhos"⁸, 1900, supõe a existência de dois sistemas constitutivos do Aparelho Psíquico: o Primeiro Sistema Psíquico e o Segundo Sistema Psíquico (equivalentes ao ICS e PCS/CS respectivamente).

3ª Hipótese Topográfica: surge em "O inconsciente"²⁴ 1915, e fala em dois sistemas: o inconsciente e o sistema pré consciente/consciente.

4ª Hipótese Topográfica: de 1923, apresentada no trabalho "O Ego e o Id"³⁷, fala em dois sistemas basicamente, o Id e o Ego, surgindo deste uma parte diferenciada que recebe a denominação especial de super ego (ideal do ego).

Desses interessa-nos particularmente o último, desenvolvido em 1923 no trabalho "O Ego e o Id"³⁷. Como pretendemos no presente trabalho, obter uma visão mais clara do funcionamento de um determinado mecanismo de defesa, a identificação,

e o papel que assume frente à questão da dissolução do complexo de Édipo, nosso interesse fica assim justificado, uma vez que cabe justamente ao ego o papel defensivo e repressor como veremos adiante. Quando procuramos sistematizar o conceito de identificação e captar as várias acepções que lhe são dadas dentro da teoria psicanalítica de uma forma geral, ou seja, tanto em Freud quanto em outros autores, percebemos que não se trata de tarefa simples. Possivelmente em função de estar associada às três instâncias psíquicas, ego, id e super ego, por vezes fica mesmo obscuro destrinchar-se a qual das relações possíveis se está referindo. Belmonte Lara et alli⁶³ afirmam que para Freud a identificação se encontra numa posição intermediária entre ser considerada um mecanismo estruturalmente do aparelho psíquico, um processo ligado às vicissitudes dos impulsos instintivos ou ainda um mecanismo de defesa frente a eles.

Interessa-nos particularmente esta última acepção, ou seja, em que a medida ela é utilizada como um mecanismo da defesa frente aos impulsos instintivos reprimidos.

Defesa e repressão são dois conceitos distintos na obra de Freud mas que por algum tempo foram usados um tanto indistintamente. No apêndice A do trabalho "Inibições, Sintomas e Angustia"⁴³ é feito um breve relato do emprego dos dois termos mostrando claramente que até mais ou menos 1897 ambos eram usados livremente sendo que após essa data a expressão "defesa" passou a ser menos encontrada, tomando o seu lugar o termo "repressão". Este tem um predomínio quase exclusivo em "Dora" (1905)¹⁰ permanecendo esse predomínio a partir daí.

Somente anos mais tarde no trabalho já mencionado sobre angústia (1926) é que se percebe uma clarificação dos dois termos passando então cada qual a ter uma significação própria; - Freud coloca que a expressão "processo defensivo" da qual fizera uso anos antes e depois abandona em favor do termo "repressão" é revivida agora em seus estudos sobre a ansiedade; a expressão mostra-se bastante útil e importante desde que fique claramente especificado o seu sentido:

"Constituirá uma vantagem indubitável, penso eu, reverter ao antigo conceito de defesa, contanto que o empreguemos explicitamente como uma designação geral para todas as técnicas das quais o ego faz uso em conflitos que possam conduzir a uma neurose, ao passo que conservamos a palavra "repressão" para o método especial de defesa com o qual a linha de abordagem adotada por nossas investigações nos tornou mais bem familiarizados..."⁴³.

Portanto, o conceito de defesa "pode abranger todos os processos que tenham a mesma finalidade - a saber, a proteção do ego contra as exigências instintuais -, e para nele classificar a repressão como um caso especial"⁴³. Freud vai mais além ainda, e levanta a possibilidade de que se descubra uma estreita vinculação entre certos tipos de defesas e formas específicas de doença, como por exemplo entre repressão e histeria. Uma primeira pergunta que formulamos é sobre a possibilidade de encontrarmos uma estreita vinculação também entre as chamadas personalidades narcísicas e o mecanismo de defesa da identificação.

Assim como a neurose histérica parece empregar basicamente como mecanismo de defesa a repressão, ou a neurose obsessiva procura se defender através dos processos de isolamento e anulação pensamos que as personalidades narcísicas encontram na identificação o seu mecanismo de defesa básico. Mais adiante voltaremos a essa questão.

Anna Freud⁷ enumera nove mecanismos de defesa: regressão, repressão, formação reativa, isolamento, anulação, projeção, introjeção, inversão contra o eu e reversão; a sublimação ou deslocamento dos anseios instintivos também é mas pertence, segundo ela, mais ao estudo da mente normal do que ao da neurose. Além desses Anna Freud aponta o trabalho de Freud "Alguns Mecanismos Neuróticos no Ciume, na Paranóia e no Homossexualismo"³⁴ em que ele cita também a identificação como um dos importantes mecanismos defensivos utilizados pelo ego. Os mecanismos de defesa são basicamente os meios empregados pelo ego para se proteger contra a exigência dos impulsos instintivos. Na verdade cabe ao ego defender-se da ansiedade que surgiria da satisfação pura e simples desses impulsos; tal ansiedade surge provocada pelo super ego com suas exigências críticas e de censura. Para Anna Freud o super ego

"fixa um padrão ideal, segundo o qual a sexualidade está proibida e a agressão é declarada anti-social. (...) O ego é completamente despojado de sua independência e reduzido à posição de um instrumento para execução dos desejos do super ego; o resultado é tornar-se hostil ao instinto e incapaz de qualquer fruição."⁷

Portanto, ao que parece, os mecanismos de defesa servem, em última instância, às exigências defensivas do super ego uma vez que o ego se encontra submetido a ele.

Uma vez que estamos tratando tão de perto com questões envolvidas na estrutura do aparelho psíquico acreditamos ser importante que fique claramente delimitado aqui o papel desempenhado pelas tres instâncias que o compõe, quais sejam o ego o id e o super ego. Por outro lado, a situação do complexo de Édipo está diretamente vinculada ao surgimento do super ego e também ao id na qualidade de instância de armazenagem dos desejos reprimidos. Portanto torna-se fundamental uma clara colocação e especificação desta quarta topografia em prol da maior clareza dos conceitos e enunciados com os quais estamos lidando. Ao lado disso faremos também uma especificação das fases do desenvolvimento psico-sexual, ou seja, trataremos do desenvolvimento da libido quanto à sua organização (fases anárgica, oral, sádico-anal, fállica e genital) e quanto às relações objetais (auto-erótica, narcísica, homossexual e heterossexual).

1.1.1) A 4ª Topografia: Id, Ego, Super-ego:

"ID": O id funciona através dos chamados processos psíquicos primários (PPP). Em "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental"¹⁹ (1911) os PPP são equiparados aos processos mentais inconscientes que têm como propósito básico alcançar o prazer:

"O propósito dominante obedecido por estes proces-

os primários é fácil de reconhecer; ele é descrito como o princípio de prazer-desprazer (Lust-Unlust), ou, mais sucintamente, princípio de prazer. Estes processos esforçam-se por alcançar prazer; a atividade psíquica afasta-se de qualquer evento que possa despertar desprazer (Aqui, temos a repressão).¹⁹

Em "O inconsciente"²⁴ os PPP são caracterizados da seguinte forma, de acordo ao esquema de Trespalacios:⁶⁸

- 1) núcleo constante de representantes instintuais
- 2) desejos em busca de descarga imediata
- 3) desejos isentos de contradição mútua
- 4) ausência de negação, dúvida ou graus de certeza
- 5) catexias móveis que permitem deslocamento e condensação
- 6) ausência de ordenação temporal
- 7) obediência ao Princípio do Prazer
- 8) inacessibilidade à consciência
- 9) ausência de enlace verbal

O item nº 7 merece nossa consideração especial por duas razões: 1) apresenta mais de um sentido dentro da obra de Freud e 2) sua importância é fundamental para uma melhor compreensão dos PPP uma vez que é o princípio regulador dos mesmos*.

* N.B. A partir de 1925 essa visão muda; Freud acha possível haver PPP sem prazer e PPS sem realidade.

De acordo com Barros² encontra-se duas acepções para o princípio de prazer. Inicialmente ele foi associado ao princípio da constância "que é um enunciado termodinâmico sobre a estabilidade de equilíbrio, no sistema psi-nuclear."² Ou seja o sistema nervoso procura manter sempre constante a relação existente entre a quantidade de excitação que recebe e a sua capacidade de resistência. Qualquer elevação nessa quantidade de excitação acima do seu limiar gerará um movimento de descarga ou deslocamento das quantidades excedentes. Em "Além do Princípio do Prazer" 1920 essa relação fica claramente expressa:

"O princípio de prazer decorre do princípio de constância; na realidade, esse último princípio foi inferido dos fatos que nos forçaram a adotar o princípio de prazer."³²

Em outra passagem do mesmo trabalho a relação entre prazer-desprazer e aumento ou diminuição dos níveis de tensão no sistema nervoso também é expressa de forma muito clara:

"... não hesitamos em supor que o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio de prazer, ou seja, acreditamos que o curso desses eventos é invariavelmente colocado em movimento por uma tensão desagradável e que toma uma direção tal, que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão, isto é, com uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer."³²

A segunda acepção de princípio de prazer é a que se li

ga aos processos psíquicos primários à qual já nos referimos na própria caracterização dos PPP. Ou seja, é o princípio que busca o prazer, a realização do desejo e evita o desprazer ou, como diz Barros, "é a Defesa em relação à Memória do objeto Hostil"². Dois aspectos são importantes de serem mencionados sobre o princípio de prazer. Segundo o próprio Freud³² é impossível a existência de qualquer organismo que funcionasse exclusivamente de acordo aos comandos do princípio de prazer uma vez que o não levar em conta a realidade poderia mesmo ser fatal à sua existência. A vigência quase exclusiva do princípio só pode ser encontrada no bebê se se levar em conta os cuidados maternos na qualidade de ego auxiliar. O segundo ponto é que atribuir-se uma dominância do princípio de prazer sobre o curso dos processos mentais é errôneo uma vez que se isso fosse assim a maior parte desses processos seria acompanhada de prazer ou conduziria a ele, e tal não é o caso. Portanto, é mais correto falar-se em uma "forte tendência no sentido do princípio de prazer"³².

Resumindo podemos dizer que o id é a sede dos PPP que por sua vez são os processos mais antigos, inconscientes, "resíduos de uma fase de desenvolvimento em que eram o único tipo de processo mental"³, processos esses sob o comando do princípio de prazer cujo propósito básico é a satisfação do desejo e o afastamento ou repulsa do objeto hostil causador do desprazer.

"EGO": Ao longo da obra de Freud pelo menos 8 sentidos diferentes já foram encontrados para a expressão Ego. Tres

palacios⁶⁷ segue a distinção feita por Barros e apresenta os 8 sentidos:

- 1) o indivíduo, que é diferenciável da espécie
- 2) o sujeito, que é diferenciável do objeto, isto é, do outro.
- 3) o eu (mundo interno) que é diferenciável do não-eu (mundo exterior).
- 4) a representação do sujeito (self ou eu) que é diferenciável da representação do mundo exterior.
- 5) O Psi-pallium (aparelho psíquico) que é diferenciável do soma e do Psi-nuclear.
- 6) a instância organizadora (inibidora de Psi-pallium) que é diferenciável do id que sofre a organização do Ego que é resultante da organização do id.
- 7) O Sistema Psíquico Ego, que é diferenciável do id e o do ego organizador.
- 8) o polo defensivo, que é diferenciável do id, polo desejoso.

Procuraremos aqui esclarecer aquele que o caracteriza como um dos sistemas psíquicos da topografia de 1923 que é o que nos interessa no momento.

O ego é a sede dos processos psíquicos secundários (PPS) regulados por sua vez pelo princípio de realidade. Como vimos há pouco, a vigência dos PPP sob o comando do princípio de prazer poderia ser fatal à existência de qualquer organismo além do desapontamento que provoca quando a satis

fação ocorre de forma alucinatória; é nesse sentido que surgem os PPS, a partir do desenvolvimento do ego, sob a regência do princípio de realidade. Ou seja, o ego passa a se diferenciar do id na medida em que o mundo externo e a realidade se vão impondo a ele através do sistema perceptivo. Cabe a ele também a busca da satisfação dos desejos porém de acordo ao princípio de realidade sendo capaz de tolerar a frustração do não imediatismo da recompensa para possibilitar uma gratificação mais de acordo e que leve a uma satisfação real e não alucinada. Pode-se extrair do trabalho de 1923 a seguinte caracterização do ego:

- 1) o ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo, por intermédio do sistema perceptual-consciente.
- 2) procura aplicar a influência do mundo externo ao id e às tendências deste.
- 3) esforça-se por substituir o princípio do prazer pelo princípio de realidade.
- 4) nele, a percepção desempenha o papel que no id cabe ao instinto.
- 5) representa a razão e o senso comum em contraste com o id que contém as paixões.
- 6) tem o hábito de transformar em ação a vontade do id, como se fosse sua própria.

"Formamos a idéia de que em cada indivíduo existe u

ma organização coerente de processos mentais e chamamos a isso o seu ego. É a esse ego que a consciência se acha ligada; o ego controla as abordagens à motilidade - isto é, à descarga de excitações para o mundo externo. Ele é a instância mental que supervisiona todos os seus próprios processos constituintes e que vai dormir à noite, embora ainda exerça a censura sobre os sonhos. Desse ego procedem também as repressões por meio das quais procura-se excluir certas tendências da mente, não simplesmente da consciência, mas também de outras formas de capacidade e atividade."³⁷.

Portanto, o ego, funcionando em termos de PPS e regido pelo princípio de realidade busca substituir uma satisfação alucinatória por uma satisfação com bases no real, mais segura e prazerosa ainda que por vezes mais retardada. É com ele que o indivíduo passa a ter a capacidade conhecida como resistência à frustração que o torna capaz de esperar em função de um ganho melhor e mais duradouro.

"SUPER-EGO": As primeiras formulações sobre a existência de um ideal do ego e de uma instância censora são encontradas em 1914 no trabalho sobre narcisismo²³. Essas formulações iniciais servirão como as primeiras raízes daquilo que aparece evidentemente reconhecido em 1923 como sendo o super ego ou ideal do ego.

A grosso modo pode-se definir o super ego como uma parte diferenciada do ego consistente das identificações rea

lizadas com a autoridade dos pais quando da dissolução do complexo de Édipo. Portanto ele aparece como uma instância crítica e censora.

No entanto, essa definição parece exigir maiores cuidados na sua formulação e muita discussão é feita em torno dela. Em primeiro lugar em termos da gênese que lhe é atribuída.

Já vimos anteriormente que Freud diz que o ideal do ego tem por missão "reprimir o complexo de Édipo; em verdade, é a esse evento revolucionário que ele deve a sua existência."³⁷ Portanto, como entender essa gênese de uma instância cuja missão é a de reprimir um evento ao qual ele deve a sua existência? Só podemos entender essa aparente contradição se aceitarmos a hipótese que certos autores levantam da existência de um super ego precoce ou de fases precursoras do super ego. Como dizem Laplanche e Pontalis:

"...é assim que vários autores insistem no fato de a interiorização das interdições ser realmente anterior ao declínio do Édipo: os preceitos da educação são adotados muito cedo e, em especial, como Ferenczi notou em 1925, os da educação do esfíncter."⁶²

Em termos de sua formação duas questões merecem nossa atenção. A primeira é sobre a divisão ou não em um super ego e um ideal do ego. No trabalho de 1914 sobre narcisismo fala-se de um sistema que compreenderia duas estruturas parciais distintas, a saber, uma instância crítica e o ideal do ego propriamente dito. Nesse trabalho o ideal do ego é definido como a instância - que é possuidora de "toda a perfeição de valor"²³ e que em fun

ção disso o ego real do indivíduo é constantemente avaliado em confronto com ele. Como diz Freud, "para o ego, a formação de um ideal seria o fator condicionante da repressão"²³, querendo com isso dizer que a presença deste ideal impõe ao ego um grau de exigência consigo mesmo. Por outro lado o confronto de que falamos entre o desempenho e as aquisições do ego e as exigências do ego ideal é realizado pelo chamado "agente psíquico especial"²³ cuja tarefa seria "assegurar a satisfação narcisista proveniente do ideal do ego"²³. Já em "O Ego e o Id", os termos super ego e ideal do ego - são usados como sinônimos quer com o sentido de instância - de interdição ou como instâncias que exprimem o lado mais elevado do homem, que exprimem aquilo que ele idealmente deve vir a ser:

"O super ego, contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id; ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. A sua relação com o ego não se exaure com o preceito: 'Voce deveria ser assim (como o seu pai)' Ele também compreende a proibição 'Voce não pode ser assim (como o seu pai), isto é, voce não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele.' Esse aspecto duplo do ideal do ego deriva do fato de que o ideal do ego tem a missão de reprimir o complexo de Édipo..."³⁷

Fica claro então que quer um termo quer o outro eram utilizados indistintamente. Laplanche e Pontalis⁶² se referem à discussão entre a relação do super ego com o ide

al do ego apontando que os pontos de vista variam quanto à forma de utilização de ambos. Pensamos que o mais útil é seguirmos a concepção de Lagache apresentada no Vocabulário de Psicanálise:

"...D. Lagache fala de um sistema super ego-ideal do ego dentro do qual estabelece uma relação estrutural.

"...o super ego corresponde à autoridade e o ideal do ego à forma como o indivíduo se deve comportar para corresponder à expectativa da autoridade."⁶²

Uma vez que se aceita que o super ego, por suas características próprias, merece uma posição e uma nomeação especial a partir do ego, não vemos razão para que o mesmo não aconteça com relação ao ideal do ego cuja função e propósito nos parecem bastante distintos dos do super ego. Optamos portanto por aceitar essa abordagem que, pelo menos no momento, nos parece ser a mais indicada.

A segunda questão refere-se aos conteúdos mentais - que estruturam o super ego enquanto instância psíquica. Pelo menos dois pontos de vista aparecem nos trabalhos de Freud e que dão margem a confusão. Por um lado é dito que o super ego é determinado pelas identificações "com as imagos parentais mais primitivas"³⁹, identificações essas intensificadas com a dissolução do complexo de Édipo. Todas as outras identificações quer com os pais de uma época posterior quer com outras figuras de autoridade só atingiriam o ego e a formação do caráter. Por outro lado, ponto de vista antagônico a esse é oferecido pelo próprio Freud em "O Ego e o Id":

"À medida que uma criança cresce, o papel do pai é exercido pelos professores e outras pessoas colocadas em posição de autoridade; suas injunções e proibições permanecem poderosas no ideal do ego e continuam, sob a forma de consciência (conscience) a exercer a censura moral."³⁷

A resposta a essa questão não é de forma alguma fácil. Para Laplanche e Pontalis "é difícil determinar, entre as identificações, as que estariam especificamente em jogo na construção do super ego ...".⁶² Segundo Barros*, no entanto, o dinamismo do ser humano impede que se possa conceber o aparelho psíquico como formado por instâncias rígidas e estáticas, ou seja, não se deve pensar em um super ego ou em um ego como formas de organização acabadas mas antes como instâncias em permanente mudança. É provável que as coisas realmente sejam assim e é o próprio Freud que fala do dinamismo do super ego na qualidade de "veículo da tradição e de todos os duradouros julgamentos de valores que dessa forma se transmitiram de geração em geração."⁴⁸

1.2) Desenvolvimento psico-sexual

1.2.1) A Sexualidade: Como se sabe a sexualidade humana desempenha um papel fundamental dentro da teoria psicanalítica freudiana. Não poderíamos, portanto, deixar de nos referirmos a ela num trabalho que visa entender as consequências advindas da dissolução do complexo de Édipo, fenômeno central dentro do processo de desenvolvimento psico-sexual.

* comunicação pessoal

Através dos inúmeros trabalhos referentes a esse tema constata-se que o mesmo é abordado basicamente de duas formas:

- 1) dirigido para a questão das relações objetais.
- 2) enfatizando a organização e distribuição da libido através de diferentes fases.

Procuraremos aqui seguir a mesma linha.

1.2.2) A libido: Antes de se poder falar em organização, distribuição ou relações objetais da libido é preciso que se esclareça primeiro o seu significado.

Na conferência 26 sobre a "Teoria da Libido e o Narcisismo"²⁸, libido aparece definida como uma força, a força dos instintos sexuais, quantitativamente variável e qualitativamente distinta da energia utilizada pelo aparelho psíquico para o desempenho dos outros processos mentais. Ela é a energia desses instintos sexuais (Energia de Eros)³⁷ e ao longo do desenvolvimento do ser humano vai passando por diversos estágios numa evolução que parte do narcisismo total, aonde ela ainda não se diferencia dos outros instintos, é anobjetal, até atingir seu ponto máximo de organização, já estando sob o primado dos genitais, a serviço da reprodução.

a) A Libido e as Relações Objetais: O tema da libido e sua relação com os objetos passa por algumas modificações dentro da obra de Freud. Malan⁶⁵ fala da dificuldade em se tratar do assunto uma vez que diversos dos conceitos utilizados não possuem em um sentido unívoco dentro da obra freudiana. Na verdade po

de-se dizer que toda essa questão aparece tratada de tres formas diferentes. Numa primeira abordagem (1905) duas etapas são distintas: uma etapa autoerótica aonde os diversos instintos parciais atuam de forma desorganizada procurando sua satisfação independentemente um do outro e prescindindo de um objeto para essa satisfação. (Mais adiante veremos, no entanto, que essa não é uma regra geral). E uma etapa objetal que, como o nome já diz, supõe a existência de um objeto exterior ao próprio corpo que servirá para a satisfação do instinto.

A segunda abordagem (1911) apresenta 4 fases diferentes: a auto-erótica, narcísica, homossexual e heterossexual.

a) auto-erótica: auto erotismo aqui implica apenas na não existência de um objeto exterior para satisfazer a necessidade. Como na abordagem anterior, supõe que a satisfação do desejo se dará no próprio corpo.

"A possibilidade de satisfação auto-erótica permite ao instinto sexual evitar a privação que levaria à busca de objeto no mundo externo, e portanto a um atraso em relação aos instintos de conservação na adaptação ao real."⁶⁵

Mais adiante veremos a expressão 'auto-erotismo' em sua acepção de fase do desenvolvimento.

b) narcisismo - é a fase intermediária entre o auto erotismo e as relações objetais. Aqui o indivíduo toma a si mesmo (o self) como objeto.

c) escolha homossexual - corresponde à procura de um objeto a imagem e semelhança de si mesmo.

d) eleição heterossexual - estágio final quando "se completa a convergência de todos os instintos sexuais para uma só pessoa..."⁶⁵. De início pensou-se que isso só ocorreria na puberdade mas depois fica claro que na vida sexual infantil há verã uma escolha de objeto definida que será depois reativada a nível de fantasia inconsciente na puberdade.

A terceira abordagem é aquela a que nos referimos na introdução. Trata-se na verdade de uma revisão da noção de narcisismo. Freud distingue um estado narcísico inicial contraposto a um momento posterior onde já há relações objetais. Nesse estado narcísico primário ainda não há uma diferenciação entre a libido e os "interesses do ego"*, e ambos "habitam o ego auto-suficiente."²⁸ (Aqui o termo ego parece estar se referindo ao indivíduo e não à instância psíquica). Como dizem Laplanche e Pontalis⁶², o narcisismo primário seria o equivalente ao estado vivido pelo feto no útero, e não há ainda nenhuma distinção en

*A expressão 'interesses do ego' foi utilizada por Freud em diversos trabalhos para distinguir 'libido' das forças dos instintos egóicos de auto-preservação. Segundo suas próprias palavras: "As catexias de energia que o ego dirige aos objetos de seus dēsejos sexuais, nós as denominamos 'libido'; todas as outras catexias, emanadas dos instintos de auto-preservação, denominamos 'interesse'.

tre o ego e o id. A atividade sexual dessa fase pode ser chamada auto-erótica, no sentido de ausência de objeto exterior ao próprio ego.

b) Distribuição da Libido: as fases psico-sexuais:

Com relação à organização e distribuição da libido Freud distinguiu duas fases distintas às quais nomeou de acordo às zonas erógenas preponderantes em cada uma, a saber, fase oral e fase anal-sádica. Somente em 1923 ele insere entre a fase genital propriamente dita e as fases pré-genitais já mencionadas, uma fase dita fálica. O período de latência será mais adequadamente caracterizado, como veremos mais adiante, como um momento de supressão libidinal.

Quando se fala, então, em fases psico-sexuais estamos na verdade nos reportando à organização pré-genital infantil e às características próprias da sua sexualidade.

No segundo dos tres ensaios sobre a sexualidade¹¹ Freud assim caracteriza a vida sexual infantil:

1) em sua origem ela se liga a uma das funções somáticas vitais.

2) ainda não tem objeto sexual e então é auto-erótica.

3) seu objetivo sexual é dominado por uma zona erógena.

Inicialmente falta à sexualidade infantil uma centralização; cada instinto parcial busca sua própria satisfação e

será justamente esse longo caminho que tem que ser percorrido, da desorganização quase caótica até a convergência de todos os instintos a serviço da genitalidade e da reprodução, o que possibilita que tantas vicissitudes ocorram à libido em sua longa trajetória. Os fatores aí mencionados terão forte participação na causação das neuroses:

"...nem todas as fases preparatórias são ultrapassadas com igual êxito e superadas completamente; partes da função serão retidas permanentemente nesses estádios iniciais e o quadro total do desenvolvimento será limitado por determinada quantidade de inibição de desenvolvimento."²⁸

E aqui nos deparamos com um conceito fundamental para que se compreenda a questão das neuroses, que é o de fixação. Freud define fixação como "o retardamento de uma tendência parcial num estágio anterior ..."²⁸ A esse conceito associa-se outro, o de regressão, não menos importante, e intimamente ligado ao primeiro. Freud nos diz que "quanto mais intensas as fixações em seu rumo ao desenvolvimento, mais prontamente a função fugirá às dificuldades externas regressando às fixações ..."²⁸ Essa regressão pode ser de dois tipos: um retorno aos objetos incestuosos ou um retorno da organização sexual como um todo a estádios anteriores.

Sobre as fases propriamente ditas podemos caracterizá-las como segue:

1) Fase Anárquica: corresponde à fase anterior a

qualquer tipo de organização; equivalente, em termos objetivos, ao narcisismo primário.

2) Fase Oral: também chamada canibal pelo fato de a satisfação dos instintos sexuais estar associada à ingestão de alimento, sua incorporação. Segundo Freud esse é o protótipo biológico do mecanismo psicológico de identificação que mais tarde vai se tornar tão importante para a formação da personalidade. Posteriormente a satisfação sexual prescinde do apoio da função vital e se satisfaz de forma auto-erótica (por exemplo, chupar o dedo). Segundo Laplanche e Pontalis⁶² somente depois de 1915 é que Freud descreve como oral a primeira fase da sexualidade caracterizando-a da seguinte forma: "a fonte é a zona oral; o objeto está estreitamente relacionado com a alimentação; o alvo é a incorporação."⁶² Os autores chamam a atenção para um ponto de extrema importância qual seja, o modo de relação com as coisas, com o mundo, que se realiza através da incorporação.

Segundo o Vocabulário de Psicanálise⁶², Abraham distingue duas modalidades de relacionamento na fase oral - uma pré-ambivalente, característica da fase oral de sucção e outra de morder e devorar presentes que ele chamou de fase oral sádica; surge junto com o aparecimento dos dentes e da atividade de morder. De acordo com o Vocabulário de Psicanálise⁶² esse segundo momento, como tem por fim a destruição do objeto, já implica numa relação ambivalente para com ele (libido e agressividade dirigidos contra o mesmo objeto).

3) Fase Anal-Sádica: Essa fase tem, como o nome o

diz, sua zona erógena localizada na mucosa anal. As funções de retenção e expulsão dos conteúdos intestinais adquirem para a criança um valor simbólico que mais tarde podem se traduzir para o adulto nos traços da ordem, da parcimônia e da teimosia. Os conteúdos intestinais vão representar para a criança a primeira possibilidade de controle sobre as coisas; através desse controle ela expressará a obediência ou desobediência ao mundo e aos pais, particularmente à mãe. Nela os aspectos de passividade e atividade já aparecem, manifestando-se o primeiro através da própria mucosa erógena do ânus e o segundo pelo instinto de domínio, por meio da musculatura somática. Além disso é a fase de predomínio do sadismo que, segundo Freud, lhe dá "um colorido peculiarmente arcaico."²⁼

4) Fase Fálica: essa fase só é inserida nessa divisão do desenvolvimento psico-sexual em 1923 no trabalho "A Organização Genital Infantil da Libido"³⁵. Aqui já há um objeto sexual e um certo grau de convergência dos impulsos sexuais mas ela ainda é diferente da organização genital pelo fato de só ser conhecido o genital masculino. Por essa razão recebeu o nome de fálica.

É nela que ocorre um dos fenômenos centrais da psic canalise, o complexo de Édipo, cuja solução, ou término, dão início ao período de latência.

5) Latência: esse período pode ser caracterizado não propriamente por uma supressão dos impulsos instintivos sexuais mas antes pelo desvio de sua energia para outras finalidades .

Nessa fase vão se formar as

"forças psíquicas que irão mais tarde impedir o curso do instinto sexual e, como barreiras, restringir seu fluxo - a repugnância, os sentidos de vergonha e as exigências dos ideais estéticos e morais."¹¹

Essas barreiras surgem independentemente da educação e esse desenvolvimento ocorre em função de uma carga orgânica já pré-determinada e fixada pela hereditariedade. A sublimação e a formação reativa participarão da construção dessas barreiras; a primeira na medida em que desvia a energia dos impulsos sexuais para outras finalidades, e a segunda na medida que evoca a repugnância, a vergonha e a moralidade com o intuito de suprimir o desprazer despertado pelos impulsos sexuais proibidos.

Segundo Strachey, na introdução ao trabalho de Freud "A Disposição à Neurose Obsessiva"²¹, pode-se fazer o seguinte resumo cronológico dos achados de Freud sobre a organização da libido:

Segue Resumo Cronológico na página seguinte.

Fase	Publicado	Não-publicado
Auto-erótico	1905- Tres Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade	Carta 125 a Fliess de Dez/1899
Narcísica	1910 - Tres Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (2ª edição)	Reunião da Sociedade de Viena - Nov/1909
ANAL-SÁDICA	1913 - A Disposição à Neurose Obsessiva Uma contribuição ao problema da escolha da neurose	-
ORAL	1915 - Tres Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade /3ª edição)	-
Fálico	1923 - A Organização Genital Infantil da Libido	-

Tendo em vista a importância do complexo de Édipo no desenvolvimento psico-sexual apresentaremos, a seguir, uma sistematização do mesmo dentro da obra de Freud.

2º CAPÍTULO: Complexo de Édipo: surgimento e evolução na obra de Freud

A idéia deste segundo capítulo é fazer uma revisão do conceito do complexo de Édipo dentro da teoria psicanalítica clássica, procurando explicitar o seu surgimento, a sua evolução e as modificações pelas quais passou dentro do pensamento freudiano.

Começamos nosso trabalho através da leitura das cartas de Freud a Fliess nas quais já se vislumbra, de começo timidamente, depois mais nitidamente, o problema edípico.

A primeira referência que se encontra à questão edípica é, na verdade, uma alusão muito pouco explícita à importância que os genitores, mais especificamente o pai, desempenhariam frente à questão da neurose. Ela aparece na carta 64 datada de fins de maio de 1897 aonde se lê:

"Meu sonho naturalmente mostra a realização do meu desejo de encontrar um pai que seja o causador da neurose e, desse modo, por fim às minhas dúvidas acerca desse assunto que ainda persistem."⁵³

No anexo à mesmo, manuscrito N⁵⁴, a questão já é colocada mais diretamente - os filhos apresentam impulsos hostis dirigidos aos pais: mais particularmente o filho desejaria a morte do pai e a filha a da mãe. Freud fala sobre esses impulsos como também sendo "um elemento integrante das neuroses"⁵⁴ porém ainda não se percebe nenhuma ênfase na sua importância como a

que aparecerá mais tarde.

Em setembro do mesmo ano, é colocada a possibilidade de que a fantasia sexual tenha como tema invariavelmente os pais. Porém, a questão edipiana só é claramente explicitada um mês depois, em outubro de 1897, na 71a. carta⁵⁵ em que Freud diz:

"Verifiquei, também no meu caso, o apaixonamento - pela mãe e ciúmes do pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância, mesmo que não tão precoce como nas crianças que se tornaram histéricas."55

Nessa mesma carta é feito um paralelo com as peças Oedipus Rex e Hamlet: não se fala ainda de um complexo como tal mas de uma compulsão que é apreendida pela peça

"que toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa da platéia foi um dia, em ponto menor ou em fantasia, exatamente um Édipo e cada pessoa retrocede horrorizada diante da realização de um sonho, aqui transposta para a realidade, com toda a carga de repressão que se para seu estado infantil do seu estado atual."55

Até aqui é importante que se note duas coisas: primeiro, a menção ao problema edipiano ainda não surgira publicada mas apenas mencionada nas cartas a Fliess; segundo que, até então, ainda não recebera o nome de complexo de Édipo o qual só será nomeado desta forma alguns anos mais tarde.

Somente em 1900, em sua "Interpretação dos Sonhos"⁸ (cap. V), aparecerá publicado pela primeira vez o problema do complexo de Édipo. Freud não faz referência à questão da reciprocidade a que se referira anteriormente mas alude ao aspecto quantitativo do amor e do ódio como sendo o que diferência o aparecimento do "Édipo" nos normais e nos neuróticos:

"Estar apaixonado por um dos genitores e odiar o outro é um dos constituintes essenciais do acervo de impulsos psíquicos que se forma naquela época e que é de tal importância no determinar os sintomas da neurose posterior. Não acredito todavia, que os psiconeuróticos difiram acentuadamente nesse sentido de outros seres humanos que permanecem normais isto é, que sejam capazes de criar algo absolutamente novo e peculiar para si próprios. É muito provável - e isto é confirmado por observações ocasionais sobre crianças normais - que somente sejam diferenciados por exibirem, numa escala ampliada, sentimentos de amor e ódio aos seus pais, que ocorrem menos óbvia e intensamente nas mentes da maioria das crianças." (o grifo é nosso)⁸.

Segundo Freud, a peça de Sófocles só comove a tão diferentes tipos de expectadores na medida em que aborda um tema universal e atemporal que toca de perto a todos: "(a peça) simplesmente nos mostra a realização dos nossos próprios desejos de infância."⁸

Percebe-se claramente neste trecho de "A Interpretação dos Sonhos" a ênfase que é colocada sobre a questão edipi

ana. Isto não chega a causar surpresa uma vez que este trabalho começou a ser esboçado logo após Freud ter feito a descoberta da existência do "Édipo" através de sua auto-análise. Foi portanto sob o impacto desta descoberta que é escrito o trabalho sobre os sonhos, impacto este que se traduz na ênfase que percebemos.

Daí em diante encontramos referências ao complexo e dipiano pontuando a maior parte de seus trabalhos. Nem todas as referências são tão bem desenvolvidas quanto aqui mas estão sempre presentes. É assim que por exemplo no caso "Dora"¹⁰ Freud fala da identificação de Dora com a mãe com a finalidade de tomar seu lugar e da tosse histérica como "sua imitação solidária do pai."¹⁰

Em 1908 em "Sobre as Teorias Sexuais das Crianças"¹² aparece a idéia de "complexo nuclear" de uma neurose que seria um equivalente ao complexo de Édipo porém mais abrangente. O complexo nuclear se forma a partir da "dissociação psíquica": a criança aprende que certas concepções sobre as questões sexuais são "boas" "mas que resultam numa cessação de reflexão";¹² tais concepções são as que permanecem conscientes; há outras, porém, que não devem ser consideradas, e estas devem ser reprimidas e mantidas inconscientes.

Em "Cinco Lições de Psicanálise"¹⁵ ainda encontramos referência ao complexo nuclear apenas que, aqui, seu sentido parece aproximar-se mais do que se entende por complexo de Édipo - do que na referência anteriormente mencionada. Freud esclarece o que entende que seja "complexo nuclear" nos seguintes termos :

"A relação entre a criança e pais não é absolutamente livre de elementos de excitação sexual. A criança toma ambos os genitores, e particularmente um deles, como objeto de seus desejos eróticos. O pai em regra tem preferência pela filha, a mãe pelo filho: a criança reage desejando o lugar do pai se é menino, o da mãe se se trata da filha. Os sentimentos nascidos destas relações entre pais e filhos e entre um irmão e outros, não são somente de natureza positiva, de ternura, mas também negativos, de hostilidade. O complexo assim formado é destinado a pronta repressão, porém continua a agir no inconsciente com intensidade e persistência. Devemos declarar que suspeitamos represente ele, com seus derivados, o complexo nuclear de cada neurose, e nos predisponemos a encontrá-lo não menos ativo em outros campos da vida mental. O mito do rei Édipo que, tendo matado o pai, tomou a mãe por mulher, é uma manifestação pouco modificada do desejo infantil (...)"¹⁵

O mesmo complexo recebe ainda outro nome, "complexo de incesto", uma vez que contra esse desejo infantil levanta-se mais tarde o tabu do incesto, agindo como força repressiva à primeira escolha objetal.

Foi somente em 1910, na primeira de suas contribuições à psicologia do amor¹⁷, que se encontra publicada a problemática edipiana com o nome que passou a ser usado daí para frente, ou seja, complexo de Édipo. Não fica muito claro, porém, porque esse nome passa a ser adotado exatamente neste tra

balho, embora desde o começo toda a problemática tenha sido associada à peça Oedipus Rex.

A impressão que tivemos até agora é que havia em Freud uma preocupação em sedimentar a idéia do conceito edípico de forma que sua base, ou seja, a relação triangular familiar, ficasse clara.

Percebe-se então após esse período inicial (até mais ou menos 1910) que nós entendemos como sendo uma consolidação do conceito, que o complexo de Édipo começa a ser tratado de forma mais abrangente e passa a haver uma estreita vinculação entre ele e diversos acontecimentos de ordem psíquica. A importância que lhe é atribuída pode ser sentida não apenas pelas inúmeras referências que se avolumam no decorrer da obra mas também, e principalmente, pelo seu envolvimento cada vez mais claro com os diversos tipos de neuroses. Além disso, sua importância chega mesmo a ultrapassar os limites da psicologia individual e se faz sentir também no terreno da psicologia social, na compreensão de temas antropológicos. É assim que chegamos ao tão conhecido "Totem e Tabu"²², que embora só tenha sido publicado em 1913, desde 1910 já era assunto de pesquisas. Na parte IV diz Freud:

"...o sistema totêmico - como a fobia do pequeno Hans e a perversão galinácea do pequeno Árpád - é um produto das condições em jogo no complexo de Édipo."²²

Porém, "Totem e Tabu" não encerra e esgota a questão

aparecimento da civilização. Outras referências são encontradas onde a questão fica claramente colocada; na conferência XXI sobre o "Desenvolvimento da Libido e as Organizações Sexuais"

"... em um estudo sobre o início da religião e da moralidade humanas, que publiquei em 1913 sob o título de Totem e Tabu apresentei a hipótese de que a humanidade como um todo pode ter adquirido seu sentimento de culpa, a origem primeira da religião e da moralidade, no começo de sua história, em conexão com o complexo de Édipo";²⁸

no primeiro dos "Dois Verbetes de Enciclopédia" (1923), ao se referir às aplicações e às correlações não médicas da psicanálise, a colocação do problema é a seguinte:

"... o presente autor indicou que os dois desejos que se combinam para formar o complexo de Édipo coincidem precisamente com as duas principais proibições impostas pelo totemismo (não matar o ancestral tribal e não casar com nenhuma mulher pertencente ao clã), tirando conclusões de grandes consequências desse fato. O significado do complexo de Édipo começou a crescer a proporções gigantescas e pareceu como se a ordem social, a moral, a justiça e a religião houvessem surgido juntas, nas eras primeiras da humanidade, como formações reativas contra esse complexo"³⁶.

Em "O Ego e o Id"³⁷ há uma diferenciação entre o processo de aquisição da religião, da repressão moral e do sentimento soci

al. Os dois primeiros surgem do domínio do complexo de Édipo e o último em função da "necessidade de superar a rivalidade que então permaneceu entre os membros da geração mais nova."³⁷ Também no trabalho de 1924 "O Problema Econômico do Masoquismo"³⁸ há uma correlação entre o aparecimento da moral no indivíduo e na sociedade: ambos os casos são consequências do complexo de Édipo e tem nele a sua fonte.

Acreditamos não caber aqui um maior aprofundamento em tais questões antropológicas pois estaríamos fugindo ao escopo deste trabalho. Achamos importante, contudo, assinalar a sua existência dentro do pensamento freudiano.

Voltando pois à psicologia individual, vemos que o trabalho "As Perspectivas Futuras da Psicanálise"¹³ (1910) delineia muito bem o que dissemos há pouco: o futuro da psicanálise está ligado ao abandono do método catártico e uma nova preocupação em desvendar os "complexos". A definição de complexo aparece numa carta ao Dr. Friedrich S. Krauss: "Em psicanálise hoje, descrevemos um encadeamento de idéias e seus efeitos associados como um "complexo"."¹⁶ Ao mesmo tempo que Freud expressa essa nova preocupação relacionada aos "complexos" e às resistências, ele diz:

"...vejam se podem confirmar a afirmação generalizada de que, nos pacientes masculinos, a maioria - das resistências importantes ao tratamento parecem derivar-se do complexo paterno e expressar-se neles no medo ao pai, desobediência ao pai e desavença do

pai".¹³ Parece-nos sem dúvida que a expressão "complexo pater no" tem aqui um sentido bastante aproximado daquele expresso pelo complexo de Édipo, porém esse complexo, como já dissemos anteriormente, só será nomeado dessa forma alguns meses de pois.

Forma Positiva x Invertida: Embora nos trabalhos que até aqui vimos já se vislumbre que o complexo de Édipo - não é tão aparentemente simples quanto sua forma positiva o faz supor, a primeira referência explícita a isso é feita em 1916 nas conferências introdutórias:

"Não pretendo afirmar que o complexo de Édipo engloba toda a relação dos filhos com os pais: esta pode ser muito mais complexa. O complexo de Édipo, ade mais disso, pode estar desenvolvido em maior ou me nor intensidade, pode até mesmo estar invertido."²⁸

Continuando a leitura dos trabalhos de Freud fica claro que este trecho de certa forma antecipa, embora não ex plicitamente, uma série de vinculações que só posteriormente vão aparecer mais desenvolvidas e associadas ao complexo de Édipo: a relação com a bissexualidade, o componente hereditá rio, a idéia do complexo de Édipo completo compreendido numa série, o "complexo de família", o sentimento de culpa, a in fluência dos pais no despertar da atitude edipiana, o ciúmes. Tentaremos a seguir traçar a relação entre cada uma destas - questões e o complexo de Édipo.

Sentimento de Culpa: Segundo Freud o complexo de Édipo seria um dos maiores responsáveis pelo sentimento de

culpa que atormenta não só os neuróticos como a própria humanidade. Essa idéia é reforçada também no trabalho "Luto e Melancolia":

"O trabalho psicanalítico nos ensina que as forças da consciência, que induzem à doença, em consequência do êxito, em vez de, como normalmente, em consequência da frustração, se acham intimamente relacionadas com o complexo de Édipo, a relação com o pai e a mãe - como talvez na realidade, se ache o nosso sentimento de culpa em geral."²⁹

Atitude dos pais x desencadeamento do complexo de Édipo: A atitude dos pais frente aos filhos de mostrarem uma preferência dirigida ao filho do sexo oposto ao seu também desempenha uma influência importante no despertar do complexo de Édipo; segundo Freud, a criança reage a essa demonstração:

"O pai em regra tem preferência pela filha, a mãe pelo filho: a criança reage desejando o lugar do pai se é menino, o da mãe se se trata da filha..."²⁸

Apesar dessa marcante influência, não se pode porém desprezar a natureza espontânea do complexo de Édipo nas crianças que "não pode ser seriamente abalada até mesmo por esse fato."²⁸

Nessa mesma conferência em que Freud aborda a questão da importância da atitude dos pais frente ao desencadeamento do complexo de Édipo, ele toca ainda em outro ponto importante que até aqui não aparecera, que é a participação dos irmãos no mesmo. Isso toma uma dimensão muito grande sobretudo se se considera as consequências dessa nova vinculação. Freud nos diz então que

"quando aparecem outras crianças em cena, o complexo

de Édipo, avoluma-se em um "complexo de família" que envolve todas as relações entre os irmãos uns com os outros"²⁸.

Os irmãos podem mesmo entrar no papel de substitutos de pais pouco afetuosos ou que por uma razão ou outra desligaram seu afeto de um filho. Um exemplo de tal ocorrência nos é dado no artigo "A Psicogênese de um Caso de Homossexualismo numa Mulher" (1920) aonde é narrado o caso de uma jovem que "passa pela atitude normal característica do complexo de Édipo feminino de maneira não tanto notável e posteriormente começara a substituir o pai por um irmão ligeiramente mais velho que ela".³¹ (o grifo é nosso) Esse trecho do caso clínico da jovem homossexual nos chama a atenção também para outro ponto que é o que diz respeito a um complexo de Édipo normal, sugerindo a existência de outro que seria anormal.

Édipo positivo ou invertido; a bissexualidade e a hereditariedade: A primeira referência a um complexo de Édipo - não normal ou invertido parece ser a que se encontra na 13^a das suas conferências introdutórias²⁷. Depois daí há como que um salto e, após essa breve menção no caso clínico acima referido, a questão se acha bastante desenvolvida em "O Ego e o Id"³⁷; no capítulo III é estabelecida uma estreita relação entre a bissexualidade inata, as identificações com as figuras parentais e o complexo de Édipo (positivo e negativo). Transcrevemos a seguir essa referência que consideramos da maior importância no presente trabalho:

"Juntamente com a demolição do complexo de Édipo, a

catexia objetal da mãe, por parte do menino, deve ser abandonada. O seu lugar pode ser preenchido por uma de duas coisas: uma identificação com a mãe ou uma intensificação de sua identificação com o pai. Estamos acostumados a encarar o último resultado como o mais normal; ele permite que a relação afetiva com a mãe seja, em certa medida, mantida. Dessa maneira, a dissolução do complexo de Édipo consolidaria a masculinidade no caráter de um menino. De maneira precisamente análoga*, o desfecho da atitude edipiana numa menina pode ser uma intensificação de sua identificação com a mãe (ou a instalação de tal identificação pela primeira vez) - resultado que fixará o caráter feminino da criança. (...) em ambos os sexos a força relativa das disposições sexuais masculina e feminina é o que determina se o desfecho da situação edipiana será uma identificação com o pai ou com a mãe. Esta é uma das maneiras pelas quais a bissexualidade é responsável pelas vicissitudes - subsequentes do complexo de Édipo. A outra é ainda mais importante, pois fica-se com a impressão, de que de modo algum o complexo de Édipo simples é a sua forma mais comum, mas representa antes

*É importante que se note que, até essa época, o complexo de Édipo masculino e feminino eram considerados como sendo iguais.

uma simplificação (...). Um estudo mais aprofundado revela o complexo de Édipo mais complexo, o qual é dúplice, positivo e negativo, e devido à bissexualidade originalmente presente na criança. (...) É este elemento complicador introduzido pela bissexualidade que torna tão difícil obter uma visão clara dos fatos em vinculação com as primitivas escolhas de objeto e identificações, e ainda mais difícil descrevê-las inteligivelmente. Pode mesmo acontecer que a ambivalência demonstrada nas relações com os pais deva ser atribuída inteiramente à bissexualidade e que ela não se desenvolva, como representei acima, a partir da identificação em consequência da rivalidade.

Em minha opinião, é aconselhável em geral, e muito especialmente no que concerne aos neuróticos, presumir a existência de complexo de Édipo completo. A experiência analítica demonstra então que, num certo número de casos, um ou outro dos constituintes desaparece, exceto por traços mal distinguíveis; o resultado, então, é uma série, com o complexo de Édipo positivo normal numa extremidade e o negativo invertido na outra, enquanto que os seus membros intermediários exibem a forma completa, com um ou outro dos seus componentes preponderando (...). A intensidade relativa das duas identificações em qualquer indivíduo refletirá a pre

ponderância nele de uma ou outra das duas disposições sexuais." (o grifo é nosso)³⁷.

Este trecho extraído de "O Ego e o Id" é extremamente importante por nos dar uma idéia da complexidade das relações envolvidas na demolição do complexo de Édipo. O papel da identificação aparece aqui com toda sua força. Além disso há uma saída para a herança constitucional do indivíduo como podendo ser a responsável pelo caminho que a identificação tomaria. Podemos inferir disso que o caminho do complexo de Édipo estaria, pois, ligado à hereditariedade e às disposições sexuais inatas. Essa mesma idéia aparece em outros trabalhos posteriores também.^{40,48}

Superação do Édipo: Voltando à questão da demolição vemos que o "ser neurótico" ou "ser normal", entre outras coisas, requer um domínio do complexo de Édipo com a sua superação³⁶. Essa superação se dá na medida em que há a "formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira. Esta modificação do ego retém a sua posição especial; ele se confronta com os outros conteúdos do ego como ideal do ego ou super ego."³⁶

E mais:

"o ideal do ego tem a missão de reprimir o complexo de Édipo; em verdade, é a esse evento revolucionário que ele deve a sua existência."³⁶

Embora até essa época já se falasse sobre a dissolução do complexo de Édipo, uma ênfase bastante grande começa a ser dada e essa etapa do complexo sobretudo pela relevância que isso tem para a compreensão das "vicissitudes libidinais do Id"³⁷ e para a etiologia das neuroses. Tanto é assim que em 1924 Freud escreve um trabalho basicamente dedicado a essa temática sob o título de "Dissolução do Complexo de Édipo"³⁹. Nesse trabalho é dada ênfase a dois pontos importantes: a diferença entre o complexo de Édipo feminino e o masculino e o papel da ameaça de castração.

O Masculino e o Feminino: Como dissemos anteriormente, a diferença entre o complexo de Édipo feminino e masculino não era considerada até então. Em diversos lugares^{28,33,37,35,42} isso fica claro, e, segundo introdução do editor inglês ao trabalho "Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos"⁴¹ a primeira insatisfação manifestada contra essa teoria da igualdade entre os sexos só aparece em 1919 num estudo sobre fantasias de espancamento. A segunda referência é a que colocamos abaixo, já numa tentativa de relocalização do problema numa nova teoria; porém, como se verá, também essa nova teoria será refeita.

Freud distingue os complexos de Édipo feminino e masculino enfatizando sobre o papel desempenhado pela ameaça de castração em cada caso respectivamente:

"Dá-se assim a diferença essencial de que a menina aceita a castração como fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência

cia."³⁹

Essa diferença é fundamental pois é em função dela que a menina, inconformada pela ausência de pênis

"desliza ao longo de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer - do pênis para um bebê. Seu complexo de Edipo culmina em um desejo mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente -dar-lhe um filho."³⁹

O complexo de Édipo feminino é abandonado uma vez que esse desejo nunca se realiza.

Essa primeira abordagem da existência de suas formas do complexo de Édipo, porém, não satisfaz ao próprio Freud, que diz:

"deve-se admitir, contudo, que nossa compreensão interna desses processos de desenvolvimento em meninas em geral é insatisfatório, incompleto e vago."³⁹

Esse assunto será revisto e abordado posteriormente em outros trabalhos; a primeira revisão aparece em 1925 em "algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos."⁴¹ A introdução do editor inglês a este trabalho clarifica muito bem toda essa questão:

" a dupla mudança, exigida da menina antes que ela possa chegar ao complexo de Édipo "normal", se torna assim evidente: uma modificação em seu órgão sexual principal e uma modificação em seu objeto sexual. E o caminho se abre para uma investigação de sua fase pré-edipiana, juntamente com as diferenças entre me

ninas e meninos implicados pelas hipóteses de "O Ego e o Id" - a diferença na relação de seus complexos - de castração e de Édipo, e a diferença ulterior na construção de seus super-egos. É a síntese desses diversos fragmentos de conhecimento, derivados de extratos históricos tão amplamente separados de trabalho de Freud, que concede ao presente artigo sua importância."⁴¹

Basicamente, o que é trazido nesse trabalho e também na conferência XXXIII⁴⁸ que pronunciou sobre feminilidade, é uma situação que pode ser equacionada da seguinte forma.

menina: ligação com a mãe - dá-se conta da castração volta-se para o pai (predomínio da passividade) com o intuito de que este lhe dê um pênis - do pênis passa a desejar um bebê - a equação simbólica pênis-bebê acarreta a entrada no complexo de Édipo.

- não há o temor do complexo de castração - permanece longo tempo no complexo de Édipo - quando sai (por frustração do desejo) seu super ego não está tão bem estruturado quanto o dos homens.

Questionamo-nos se o próprio Freud se achava satisfeito com a compreensão que alcançara sobre o complexo de Édipo feminino, pois na mesma conferência ele coloca:

"... em suma, fica-nos a impressão de que não conseguimos entender as mulheres, a menos que valorizemos essa fase de sua vinculação pré-edípiana à mãe".⁴⁷

No entanto, ainda que essa abordagem não lhe tenha satisfeito

podemos ter certeza de que a descoberta da existência do complexo de Édipo provavelmente era feito de que se orgulhava:"

"Aventuro-me que, se a psicanálise não pudesse gabar-se de mais nenhuma realização além da descoberta do complexo de Édipo reprimido, só isso já lhe daria direito a ser incluída entre as preciosas novas aquisições da humanidade."⁵⁰

Considerando a importância que o mecanismo de identificação assume dentro do período edípico, tanto para a sua instalação quanto para a sua resolução, o próximo capítulo é dedicado a um estudo do mesmo. São apresentados os pontos de vista de Freud a respeito do assunto e também os de alguns autores pós-freudianos.

3º CAPÍTULO: Sobre a Identificação:

3.1) O conceito de identificação dentro da teoria freudiana

Procuraremos nesse capítulo estabelecer a dimensão que o conceito de identificação assumiu dentro da obra de Freud e delimitar os diversos sentidos que foi adquirindo.

Na obra Freudiana as primeiras referências à identificação aparecem nas cartas a Fliess. A primeira carta em que faz referência à identificação é a 58^a que, entretanto, não se encontra nas Obras Completas porém apenas no Livro "The Origins of Psycho-Analysis."⁴ Nela Freud associa o tônus do espasmo histérico a uma identificação com uma pessoa morta. Aqui parece que se encontra identificação e imitação como sinônimos, o que não ocorrerá mais tarde como veremos adiante. Porém ainda em outras cartas e rascunhos também temos uma introdução ao tema. Consideramos, de todos, o rascunho "N"⁵⁴ o mais importante pois já traz como que o germe de uma série de colocações que somente bem mais tarde serão desenvolvidas: ao falar dos impulsos hostis dirigidos aos pais, diz:

"Estes são reprimidos em ocasiões nas quais está ativa a compaixão pelos pais - em ocasiões de doença ou morte deles (o que se conhece como melancolia) ou punir-se numa forma histérica (por intermédio da idéia de retribuição) com os mesmos estados de doença que eles tiveram. A identificação que aí ocorre, conforme podemos verificar, nada mais é do que um modo de pensar e não nos exime da necessidade de procurar o

motivo".⁵⁴

Esse pequeno trecho, como podemos ver, encerra a ligação edípica e sua relação com a identificação parental, a diferença entre o que ocorre no luto-melancolia e na histeria, e o super ego acusador. Causa-nos espanto, porém que todas essas questões só tenham mesmo se tornado preocupação para Freud tantos anos após pois foi praticamente depois de 1915 em "Luto e Melancolia"²⁹ que o tema passa a ser mais desenvolvido.

Em "A Interpretação dos Sonhos"⁸ Freud pela primeira vez publica alguma coisa sobre identificação, relacionando-a à formação de sintomas histéricos. Narra o sonho de uma jovem "que se colocara no lugar da amiga, ou, como poderíamos dizer que ela se "identificara" com a amiga"⁸ e explica que "a identificação não constitui uma simples imitação mas uma assimilação à base de uma etiologia semelhante; expressa uma semelhança, e se origina do elemento comum que permanece no inconsciente."⁸ No mesmo trabalho aparecem referências à identificação porém com outro sentido, fazendo parte das construções oníricas. A identificação ou construção de uma peessoa composta é uma das formas possíveis de se representar um conteúdo onírico. Com esse procedimento o indivíduo condensa em uma figura características de diversas outras, sendo que, assim, atende às exigências da censura onírica.

A representação assim formada serve a várias finalidades: "em primeiro lugar para representar um elemento comum a duas pessoas, em segundo, para representar um elemento comum deslocado, e, em terceiro, também para expressar um ele

mento num meramente impregnado de desejo"⁸.

Depois desta primeira apreciação do conceito, outras vão aparecendo e dessas a que mais nos chamou a atenção foi o caso "Dora"¹⁰ por sua ligação tão íntima ao tema de nosso trabalho: Dora se identifica com o pai através da tosse que é vista por Freud como "sua imitação solidária do pai"¹⁰, e, posteriormente, seu sintoma adquire outra significação: "passou a representar relações sexuais com o pai através da identificação de Dora com a própria Frau K"¹⁰; mais adiante diz Freud a Dora que "é comum as filhas imitarem a vida amorosa da mãe..."¹⁰ Portanto, o que se subentende é que Dora "imitava" ou se identificava com as figuras femininas, a mãe e sua representante, no sentido de conquistar o pai. Basicamente é esta idéia que nos importa e que consideramos muito pouco desenvolvida dentro da obra de Freud. Mais adiante retornaremos a isto.

Em 1913 em "Totem e Tabu"²² Freud introduz uma nova vinculação à questão da identificação que logo depois será melhor desenvolvida num trecho acrescentado em 1915 aos "Tres Ensaíes sobre a Teoria da Sexualidade"¹¹ (1905). Trata-se da idéia de uma identificação canibalística em que o objeto da identificação é literalmente "posto para dentro." O trecho de "Totem e Tabu" sobre a refeição totêmica não somente é importante como também muito bonito:

"Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando assim um fim à horda patriarcal. (...) Selvagens canibais como eram, não é preciso dizer que não apenas

matavam mas também devoravam a vítima. O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força."²²

Logo após, em Tres Ensaios¹¹, o assunto é retomado por rem vinculado à psicologia individual; ao abordar o desenvolvimento da organização sexual pré-genital Freud diz:

"A primeira é a oral ou, como poderia ser chamada, a organização sexual pré-genital canibal. Aqui a atividade sexual ainda não se separou da ingestão de alimentos, nem são correntes opostas dentro da atividade diferenciada. O objeto de ambas as atividades é o mesmo: o objeto sexual consiste na incorporação do objeto - o protótipo de um processo que, sob a forma de identificação, deverá desempenhar mais tarde um importante papel psicológico."¹¹

Muito embora seja aqui que essa idéia fica claramente explicitada pela primeira vez, a preocupação de Freud pela relevância da fase oral já existia desde a análise de "O Homem dos Lobos"³⁰ (1918), segundo nos mostra a introdução do editor inglês ao trabalho "Luto e Melancolia"²⁹ (1917); vemos ainda na introdução a "O Homem dos Lobos" o seguinte comentário:

"... parece provável que o material "canibalístico" - revelado nessa análise tenha desempenhado um papel importante na preparação do caminho para algumas das

mais significativas das teorias de que Freud se ocupava nesse período; as interconexões entre incorporação, identificação, a formação de um ideal do ego, o sentimento de culpa e os estados patológicos de depressão."³⁰ (o grifo é nosso)

Portanto, parece-nos que esse período entre 1912 - 1915 e daí pra frente seja de suma importância para o estabelecimento do conceito. Em "Luto e Melancolia"²⁹, vários pontos importantes são esclarecidos e outros trazidos a baila. O primeiro desses pontos é que a identificação é vista como algo que precede a catexia objetal:

"A identificação é uma etapa preliminar da escolha objetal, que é a primeira forma - e uma forma expressa de maneira ambivalente - pela qual o ego escolhe um objeto."²⁹.

Essa idéia é reforçada em outros trabalhos como por exemplo no Cap. VII de "Psicologia de Grupo e Análise do Ego"³³ (1921) dedicado todo ao tema da identificação. Nele se lê logo de início: "A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa."³³ Também a questão da introjeção canibalística do objeto é desenvolvida longamente porém com um acréscimo à sua significação: A identificação pode substituir a catexia objetal. Segundo Freud essa substituição da identificação pelo amor objetal constitui importante mecanismo nas afecções narcisistas porém

"também nas neuroses de transferência as identifica

ções com o objeto de modo algum são raras; na realidade constituem um conhecido mecanismo de formação de sintomas, especialmente na histeria."³³

Porém há uma diferença fundamental entre a identificação narcisista e a histérica:

"ao passo que na primeira a catexia objetal é abandonada, na segunda persiste e manifesta sua influência embora isso em geral esteja confinado a certas ações e inervações isoladas. Seja como for, também nas neuroses de transferência a identificação é a expressão da existência de algo em comum, que pode significar amor. A identificação narcisista é a mais antiga das duas e prepara o caminho para uma compreensão da identificação histérica..."³³

Em 1916-17 na conferência que pronunciou sobre "A Teoria da Libido e o Narcisismo"²⁸ Freud retoma a questão da identificação narcísica e trata muito rapidamente da idéia de uma "instância censora" que revela sua origem na identificação com as figuras parentais e outros modelos. Já se faz, pois, um prenúcio aquilo que seria posteriormente desenvolvido em 1923 em "O Ego e o Id"³⁷.

Antes de 1923 encontramos um dos mais extensos trabalhos sobre a identificação que é o já referido cap. VII de "Psicologia de Grupo e Análise do Ego"³³. É dada muita ênfase à relação estreita entre a identificação e o complexo de Édipo: "Ela desempenha um papel na história primitiva do com

plexo de Édipo"³³; ajuda a preparar seu caminho e, na verdade, o complexo de Édipo normal origina-se da confluência da catexia objetal em relação à mãe e da identificação com o pai. A identificação que inicialmente é querer tomar o pai como modelo pode se tornar hostil em consequência do desejo do menino em tomar o seu lugar. "A identificação, na verdade, é ambivalente desde o início; pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo de afastamento de alguém."³³ E, mais uma vez é reforçada a sua ligação à fase oral, em que o objeto que prezamos e pelo qual ansiamos é assimilado pela ingestão, sendo dessa maneira aniquilado como tal. Até aqui falamos de um complexo de Édipo normal, porém, há também o invertido e, nesse caso, pode ocorrer, no caso do menino, de a identificação tornar-se "a precursora de uma vinculação de objeto com ele."³³ Neste trecho Freud ainda encarava que em ambos os casos, feminino e masculino, o complexo de Édipo ocorria da mesma forma. Como já vimos no capítulo anterior, essa visão muda e, portanto, o papel que a identificação assume também terá outras implicações.

Mas não só a identificação participa da introdução do complexo de Édipo como também pode provir dele. É o caso da menina descrito no trabalho acima mencionado que desenvolve o mesmo sintoma que sua mãe. Nesse caso, nos diz Freud,

"significa um desejo hostil, por parte da menina, de tomar o lugar da mãe, e o sintoma expressa seu amor objetal pelo pai, ocasionando realização, sob a influência do sentimento de culpa, de seu desejo de assumir

o lugar da mãe." ³³

Além dessa forma assumida pela identificação mais duas outras podem ocorrer: o sintoma pode ser o mesmo que o da pessoa que que é amada, (caso da tosse solidária do pai por exemplo) e nesse caso a identificação aparece no lugar da escolha de ob jeto, o ego assume as características do objeto, ou a identi ficação pode ocorrer simplesmente em função de um ponto de coincidência entre dois egos sem que, no entanto, tenha havi do, a priori, nenhuma catexia objetal ou escolha de objeto. So bre a primeira possibilidade Freud explica:

"... frequentemente acontece que, sob as condições - em que os sintomas são construídos, ou seja, onde há repressão e os mecanismos do inconsciente são domi nantes, a escolha de objeto retroaja para a identifi cação; o ego assume as características do objeto. É de notar que, nessas identificações, o ego às vezes copia a pessoa que não é amada e, outras, a que é. Deve também causar-nos estranheza que em ambos os ca sos a identificação seja parcial e extremamente limi tada, tomando emprestado apenas um traço isolado da pessoa que é objeto dela." ³³

No mesmo trabalho é estabelecida a diferença entre a identifi cação e a escolha de objeto: no primeiro caso, o outro é o que gostaríamos de ser e no segundo, o que gostaríamos de ter. E assim fica claro tudo que foi dito anteriormente: para po der suportar a perda de algo que se tem, ocorre a identifica ção e por esse mecanismo passa-se a ser aquilo que foi perdi

do. Freud resume seus achados da seguinte forma:

"Primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedânea para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio da introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto do instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço."³³

Mais adiante ele fala da importância da identificação como ligada ao processo homossexual. Aliás aqui não é a primeira vez que é feita esta vinculação ressaltando-se esta possibilidade e, em outros trabalhos, já encontramos o mesmo tipo de referência, como por exemplo em "Um Caso de Paranóia que contraria a Teoria Psicanalítica da Doença"³³, "Leonardo da Vinci"¹⁴ e outros.

Em 1923 com "O ego e o Id"³⁷ Freud aborda questões - que nos parecem da maior importância, concentrados no seu. cap. III. Em primeiro lugar, logo de início ele reconhece que a substituição de uma catexia objetal por uma identificação, abordada pela primeira vez em "Leonardo da Vinci" e depois em "Luto e Melancolia", "é um processo mais comum e típico do que supunha aquela época."³⁷ Além disso, acrescenta que este processo se torna mais importante pois

"viemos a saber que esse tipo de substituição tem grande parte na determinação da forma tomada pelo ego, e efetua uma contribuição essencial no sentido da construção do que é chamado de seu "caráter"³⁷".

Aqui ocorre o mesmo que na melancolia: para uma pesoa poder mais facilmente abandonar um objeto ela ocorre a um mecanismo pelo qual, através da identificação, introjeta esse objeto que se instala dentro do seu ego. Como tal processo é muito frequente, sobretudo nas fases primitivas do desenvolvimento, Freud nos diz que "é possível supor que o caráter do ego é um precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele contem a história dessas escolhas de objeto."³⁷ Essa identificação com o objeto que foi abandonado não só gera uma alteração no ego como tem por finalidade obter um controle sobre o id:

"Quando o ego assume as características do objeto, ele está se forçando, por assim dizer, ao id como um objeto de amor e tentando compensar a perda do id, dizendo: "Olhe, voce também pode me amar; sou semelhante ao objeto."³⁷

E houve, então, com esse processo, uma transformação da libido do objeto em libido nercsica, acarretando consigo uma dessexualização do objeto que, segundo Freud, seria um equivalente da sublimação.

Mais adiante Freud retoma o que já havia sido aventado nas conferências introdutórias a respeito de uma "instância censora" que revela sua origem na identificação; com a demoli

ção do complexo de Édipo ocorrerá uma intensificação da identificação materna ou paterna (identificação essa dependente das disposições bissexuais) que tomará no ego uma posição especial recebendo o nome próprio de ideal do ego ou super ego:

"O amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo pode, portanto, ser tomado como sendo a formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira. Esta modificação do ego retém a sua posição especial, ela se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal do ego ou super-ego."³⁷

Continuando vemos que

"a diferenciação do super ego a partir do ego não é questão de acaso; ela representa as características - mais importantes do desenvolvimento, tanto do indivíduo quanto da espécie; em verdade, dando expressão permanente à influência dos pais, ela perpetua a existência dos fatores a que deve sua origem."³⁷

O super ego, pode-se dizer, deve sua posição especial no ego a dois fatores: primeiro ele foi a primeira identificação, uma identificação que se efetuou quando o ego ainda era fraco; segundo ele é o herdeiro do complexo de Édipo e, assim, introduziu os objetos mais significativos no ego. As identificações - que se realizavam com os pais de uma época posterior, uma vez que no decorrer da vida eles são percebidos de diferentes maneiras, também serão relevantes "e fazem importantes contribui

ções à formação do caráter; nesse caso, porém, apenas atingem o ego, já não mais influenciam o super ego que foi determinado pelas imagos parentais mais primitivas."⁴⁸

Depois do cap. III de "O Ego e o Id"³⁷, várias outras referências à identificação vão sendo encontradas ao longo da obra de Freud.^{48, 49, 45, 46, 44} Não se tem mais nada - de novo, porém, mas apenas corroborações do que já foi dito.

Pudemos constatar até aqui que a importância atribuida ao papel que a identificação desempenha é constantemente ressaltada porém, justamente em função disso, chama-nos a atenção que em nenhum momento houve uma preocupação em sistematizá-la devidamente. O que se percebe é que, no mais das vezes, ela é abordada secundariamente a outros pontos como é o caso por exemplo, em "Luto e Melancolia"²⁹, "O Ego e o Id"³⁷ e outros, excetuando-se o cap. VII do trabalho "Psicologia de Grupo e Análise do Ego"³³ aonde parece que houve um maior cuidado na sua apreciação.

Possivelmente por conta disso é que ficam em aberto certas questões (diretamente ligadas a nosso tema) que levantamos a seguir:

A primeira dúvida que temos está ligada ao papel que a identificação desempenha na formação dos sintomas das neuroses de transferência. Freud fala bastante sobre a identificação histerica, porém diz que também nas outras neuroses de transferência pode ocorrer algo semelhante (cf. "Luto e Melancolia").²⁹ Apesar dessa breve menção não encontramos outras referências sobre esse ponto em nenhum outro lugar. Embora fi

que claro que nesse caso a identificação recebeu o nome de histérica por encontrar-se frequentemente ligada à formação dos sintomas histéricos, parece que a afirmação de Freud de que ela pode ocorrer também nas outras neuroses, fica esquecida.

O segundo ponto que pensamos estar pouco claro diz respeito a uma colocação de Freud em que ele próprio se mostra surpreso por constatar que nos casos em que a identificação substitui a escolha de objeto ela "é parcial e extremamente limitada, tomando emprestado apenas um traço isolado da pessoa que é objeto dela."³³ Ele justifica essa assertiva citando "Dora"¹⁰ cuja sintomatologia histérica expressava seu amor pelo pai, ou falando do caso fictício da menina que se identifica com um traço qualquer isolado da mãe denotando assim seu amor objetal pelo pai. Mas não nos satisfazem essas colocações pois é Freud mesmo que, algum tempo depois, em "Moisés e o Monoteísmo"⁴⁹ nos fala do menino que "constituía uma cópia fiel de seu pai, tal como formara uma imagem deste em sua memória, o que equivale a dizer, uma revivescência da identificação com o pai..." Como devemos entender o adjetivo "fiel" colocado aqui? estaria associado, assim como no caso "Dora"¹⁰, à formação de sintomas histéricos? e, se assim for, não nos parece que estejamos diante de um caso em que tenha havido identificação com apenas um traço isolado, mas muito pelo contrário. Portanto parece plausível supor que haja um outro nível de identificação que vai muito além da identificação com um único traço isolado mas que se relaciona à incorporação maciça de traços, gestos, atitudes etc. gerando com isso alterações na forma tomada pelo ego e até mesmo criando um

enrijecimento de caráter. Dentro disso duas outras perguntas se nos impõem: porque surge essa identificação maciça, essa possibilidade de ser uma cópia fiel, em alguns casos e em outros não? será que isso fica a cargo apenas da bissexualidade inata (cf. "O Ego e o Id")³⁷ ou haverá algum outro fator contribuindo? em outras palavras, será que esse tipo de identificação corresponde a algum tipo de neurose e de patologia específicas? A outra questão é, uma vez que ocorra a identificação dita maciça, a que fim ela serve, existe algum propósito específico para que ela ocorra ou simplesmente voltamos à questão das disposições bissexuais inatas?

Não nos parece que a resposta às nossas perguntas possa ser dada apenas por um apelo à carga herdada de cada indivíduo. Acreditamos nela, sim, mas não a consideramos a principal responsável por esse tipo de identificação específica que parece ocorrer apenas em certos casos; ou seja, filhos que parecem ser cópias fiéis de seus pais não apenas na medida em que têm um ou outro traço em comum com eles mas cuja história mesmo de vida parece assemelhar-se à daquelas de uma forma tal que não pode mais ser considerada apenas como uma mera imitação ou coincidência ou mesmo como traços adquiridos pela existência de um modelo ainda que fundamental. Parece que estamos diante de um movimento compulsivo em que o indivíduo age no mundo como que preso a uma única possibilidade de existir e, com isso, numa busca de alguma coisa ainda vivida como inalcançada ou não resolvida. Laplanche e Pontalis confirmam essa nossa impressão: "De um modo geral, o recalçado -

procura "retornar" ao presente, sob a forma de sonhos, de sintomas, de agir"⁶² (o grifo é nosso). Em outra ocasião, Freud já dissera a Dora que é comum as filhas imitarem a vida amorosa da mãe. Mas será que estamos frente a uma mera imitação? - não nos parece pois, se assim fosse, não seria tão difícil a conquista de uma vida amorosa própria independente do modelo materno. E não só isso como fica-nos, disso, uma outra impressão: de que, ainda que se tratasse de uma imitação, ela estaria servindo a algum propósito. Grinberg nos diz que

"a identificação intervém em toda relação humana estabelecendo a corrente de simpatia entre o indivíduo e o objeto, já que não somente tende a assimilar suas atitudes, seus gestos ou emoções, mas lhe permite situar-se no lugar do outro para compreender melhor seu pensamento e sua conduta."⁵⁷

Portanto, para conseguir alguma coisa que o outro tem a solução está em ser o outro e, com isso, conquistar aquilo que ele tem e que eu desejo, na medida em que sinto que está faltando em mim.

Todas essas questões estão diretamente ligadas ao tema deste trabalho ou seja, tentar entender como, porque, quando, o mecanismo de identificação é utilizado de forma patológica levando a um enrijecimento egoico, criando o que certos autores¹ chamam de "automatismos" do caráter.

Prosseguiremos trazendo as contribuições de alguns autores pós-freudianos sobre o tema da identificação uma vez

que a ausência de uma sistematização mais cuidadosa sobre o conceito, na obra freudiana, deixou por psquisar uma série de aspectos.

3.2) O Conceito de identificação segundo alguns autores pós-freudianos:

Para Robert Koff,

"The passing of the Oedipus Complex results in the formation of the superego, but there are also other ego modifications present. For example, the boy regularly identifies with his father."⁶⁰

Portanto, quando falamos da fase da dissolução do complexo de Édipo uma de suas importantes consequências será a modificação do ego em função das identificações com a imago parental rival.

Para Balint o menino eventualmente é obrigado a recorrer à identificação com seu pai pois

"...(the father) is the powerful rival against whom he cannot defend himself successfully either by attack or by flight..."¹;

ela descreve a identificação egóica que se segue à dissolução do complexo de Édipo nesses termos:

"The most familiar form taken by this identification is where the boy tries to do whatever his father is doing, imitates his father's movements and little habits, etc. It is true, of course, that the repressed Oedipus wish also re-emerges in this identification:

the little boy is becoming his mother's husband."¹

Sem dúvida este é um processo que em si nada traz de patológico e podemos mesmo dizer que seja o esperado. No entanto, Balint levanta a questão de que, em última instância, a identificação pode gerar uma separação entre pais e filhos:

"... the child will identify himself with the parents, will do what they do and will come into conflict with the prohibitions and commands which will be constantly insisted upon - even though unsuccessfully - by his wider environment. In that case it will be made impossible for the child to be "good". He does everything like his parents and nonetheless is met with nothing but reproofs."¹

O que Balint propõe como alternativa é que no decorrer do desenvolvimento da criança se procure ao máximo trabalhar com seu raciocínio, sua razão, no sentido de que estes tomem o lugar da identificação tanto quanto possível. A identificação é vista com um processo de enrijecimento do indivíduo e subjugamento de seu ego, além de ser uma forma de "adaptação cega" (blind adaptation)¹. Qualquer tipo de treinamento precoce que possa ser adquirido somente através de um processo de identificação, e onde ainda não há a compreensão, pode mesmo ocasionar uma rápida adaptação ao mundo externo porém às custas de uma perda da flexibilidade de pensamento; é Balint quem nos diz que

"many things which a child of one or two can only

accomplish by means of identification can without too much trouble be made intelligible to a child of three or four."¹

Tentemos pensar isso em termos da resolução edipiana. O medo da castração, nos meninos, é o elemento narcísico que ocasiona a destruição do complexo de Édipo. Porém, embora possa nos parecer contraditório, quanto mais o indivíduo esteje empenhado numa defesa de seu narcisismo, tanto mais intensamente ele sentirá a ansiedade de castração e, conseqüentemente procurará a identificação com o rival como um recurso defensivo a seu dispor. Segundo Balint,

"...as we have seen, identification always operates in the interest of narcissism and does what it can to defend narcissism; yet it may well seem that the price paid for that defence is far too high. The child takes over the ault's desires and tastes and makes them his own."¹ (o grifo é nosso)

A autora aborda ainda a questão dos 'automatismos de caráter' (automatisms of character), expressão esta tirada de Ferenczi; o chamado caráter automático é uma espécie de psicose curável pela psicanálise:

"The removal of the splitting of the ego by recollecting its causative experiences can enable a person to submit his automatisms to conscious control. Such conscious control and the accompanying reduction of anxiety is of course not the same

thing as a reduction of the inhibitions of instinct that are necessary to civilization. What happens is simply that anxiety is replaced as the basis for the restriction of instinct by love and reason."¹

Já Paula Heimann em seu artigo "A Contribution to the Problem of Sublimation and its relation to Processes of Internalization" fala de algo muito semelhante a Balint:

"The anxieties relating to good and bad internal objects which interfere with the subject's internal freedom are bound to arise when the internalized parents are felt as foreign bodies embedded in the self...

"(Assimilation occurs when) the subject acquires and absorbs those qualities of his internal parents which are suitable and adequate to him."⁵⁸

Otto Fenichel, em seu artigo intitulado "Identification"⁶ traz importantes contribuições para um melhor esclarecimento de nossa problemática. Segundo ele, o pré-requisito essencial para que ocorra uma identificação é que tenha havido, em dado momento, uma perda de objeto, no que ele concorda com Koff⁶⁰ o qual acredita que haverá uma internalização inadequada das figuras parentais quando há uma renúncia incompleta de objeto.

Por outro lado, as identificações podem ser consideradas como mudanças que ocorrem no ego em função de uma demanda instintual do id, demanda essa que, por uma razão ou por

outra, não pode mais ser dirigida para o mundo externo. Nesse sentido pode-se compreender sua afirmação de que, em última instância, toda identificação é motivada por um fator econômico, ou seja, a luta por encontrar um substituto para a perda da gratificação.

É nessa linha de pensamento, ainda, que a identificação é colocada como podendo ser, plausivelmente considerada, uma vicissitude instintual que tem nos instintos sua força motriz. O processo identificatório serve como um substitutivo dos objetivos e objetos originalmente visados pelo impulso instintual reprimido. Portanto, a alteração egóica que ocorre em função da identificação é realizada, como já o havia dito Freud, com a finalidade de o ego se oferecer ao id como objeto de amor, e ao mesmo tempo aplacá-lo. A questão, porém, não se resolve assim tão fácil uma vez que, a fim de satisfazer a essas demandas instintuais do id, o ego tem que pagar um preço:

"The inconsistencies, eccentricities, and follies which arise as consequences of the deformations which the ego must endure in its weakness relative to the id and superego may for the most part rest on identifications too."⁶

Além disso, e também em consonância ao pensamento de Freud, fica claro que traços de caráter contraditórios, no geral, correspondem, em última instância, a múltiplas identificações.

A consequência mais direta de todo esse processo é que, uma vez que o ego se coloca, agora, como o objeto substi-

tutivo para o id, através da identificação, o objeto sexual anteriormente visado também se transformará e em seu lugar haverá uma dessexualização.

Concordamos com Fenichel quando ele diz que as identificações não são conscientes em sua gênese uma vez que se referem à vicissitude de um impulso instintual e que, além disso, também não o são, regularmente, em seu resultado, ou seja na forma assumida pelo ego. Para ele isso se deve ao fato de que o contato íntimo entre o ego e o id é o que impede que as alterações egóicas sejam percebidas pela consciência:

"The weight of the repression which rested upon the oedipus complex is extended to its heirs, so that the core of the superego - which is an identificatory product - is regularly unconscious. The fact that many people know so little about their own manifest character may be due to a similar origin of the formation of their ego from the id."⁶ (o grifo é nosso)

León Grinberg aborda a problemática da identificação em seu livro "Teoría de la Identificación"⁵⁷. Nele vemos que a identificação está diretamente vinculada não propriamente à pessoa que é seu objeto mas à representação que o indivíduo faça desse objeto. Sem dúvida a forma que o sujeito percebe o outro é apenas uma dentre as várias versões possíveis e a versão particular de cada um está ligada a uma série de fatores quais sejam:

"as necessidades urgentes ou intenções do sujei

to, seu estado de ânimo, suas projeções, pela natureza e limitações de sua apreciação objetiva dessa pessoa e outros fatores seletivos e distorsivos, como os que podem corresponder ao nível de desenvolvimento e organização do sujeito nesse momento."⁵⁷

Fica claro portanto que, antecipando a identificação, todas essas variáveis estarão concorrendo e contribuindo para o estabelecimento, dentro do ego, daquilo que será o produto do processo identificatório.

Grinberg aborda o problema do processo de identificação e do produto desse processo considerando que se deva denominar ambos de identificação, sem distinção; coloca, entretanto, que há autores que acham que a identificação deve ser apenas o nome dado ao processo enquanto que o seu produto deve ser chamado de "introjeção". Segundo ele,

"o produto inclui diferenças individuais em conduta, motivos, atitudes e valores que o sujeito adquire em virtude do processo identificatório, que é essencialmente um processo egóico em que participam importantes funções egóicas em suas distintas fases. O produto implica uma mudança na estrutura psíquica e acarreta modificações na relação do sujeito com o objeto. Na medida em que as identificações são especificamente modificações estruturais do ego, chegam a conformar a estrutura básica da personalidade."⁵⁷

Para Grinberg o objeto da identificação é alguém

emocionalmente significativo para o sujeito, no que ele parece discordar de Freud, o qual achava possível que houvesse identificação "como o resultado de cada nova percepção de uma qualidade comum compartilhada com outra pessoa que não é objeto do instinto sexual."³³

A sua definição para identificação abarca "um conjunto de operações que determinam o processo de estruturação que ocorre dentro do self sobre a base da seleção, inclusão e eliminação de elementos provenientes dos objetos externos, dos objetos internos e de partes do self. A identificação assim considerada seria o resultado de uma série de processos que abarcam distintos fenômenos compreendidos em duas grandes categorias: internalização e externalização."⁵⁷

Grinberg faz ainda duas distinções - entre a identificação e a imitação e entre a identificação e a aprendizagem. Assim como Freud definiu a identificação como sendo não uma imitação pura e simples mas uma assimilação à base de uma etiologia comum⁸, Grinberg nos diz que "a identificação não é uma categoria de conduta; é um mecanismo inconsciente que produz modificações perduráveis no sujeito."⁵⁷ Com relação à aprendizagem, embora ambas tenham pontos em comum, não podem ser consideradas como sinônimos. Basicamente o que as diferencia é que a aprendizagem, citando Meissner,

"produz modificações na ordem representacional e

nas capacidades funcionais das instâncias psíquicas, ao passo que os processos identificatórios - produzem mudanças estruturais mais profundas que afetam a realidade interna do self e a organização interna do ego e do super ego. (...) O acento está posto em diferentes níveis de internalização e estruturação que tem implicações distintas para a organização e função da personalidade."⁵⁷

O nível de internalização daquilo que é adquirido através da aprendizagem corresponde ao aspecto mais periférico do mundo interno enquanto que os produtos dos processos identificatórios se localizariam na sua parte central.

Para Belmonte Lara et alli⁶³ a identificação pode ser encarada de várias maneiras:

1) como um processo autônomo estruturante do aparelho psíquico;

2) como um processo ligado às vicissitudes dos impulsos instintivos;

3) como um mecanismo de defesa frente aos impulsos instintivos.

Para eles, ao mesmo tempo que a identificação serve como forma de estruturação do aparelho psíquico, ela não pode ser entendida senão como sendo "motorizada por los impulsos."⁶³

Por outro lado os autores fornecem uma classificação da identificação segundo sua relação com o complexo de Édipo e segundo sua relação com o objeto. A classificação

pode ser esquematizada da seguinte forma:

Segundo sua ligação ao Édipo:

- a) Pré-edípica (Identificação primária)
- b) Edípica (Identificação secundária Edípica)
- c) Pós-Edípica (Identificações secundárias)

Segundo a relação com o objeto:

- 1) Prévia a toda a relação de carga sexual com o ob jeto total da libido unificada (identificação primária).
- 2) Simultânea com a relação libidinal com objeto (por exemplo no amor).
- 3) Como pré-condição para o abandono libidinal do objeto (Identificações secundárias edípicas e pós-edípicas).
- 4) Posterior à perda da relação libidinal com o ob jeto (Identificação narcísica: por exemplo melancolia)
- 5) Com pessoas com as quais não se tem relação libidi nal mas apenas alguns elementos em comum (desde um mesmo ob jeto de amor compartilhado, nas identificações históricas, até um objeto concreto ou abstrato como ideal de ego coletivo nas identificações recíprocas).

Já Trespalacios⁶⁸ vai mais adiante e procura desenvol ver um modelo que explique o processo de desenvolvimento e conservação do ego como homólogo ao modelo dos instintos que, em Freud, explica o processo de conservação do organismo e da reprodução. Deter-nos-emos um pouco em seu trabalho por consider armos o tema bastante pertinente ao nosso assunto.

Antes de mais nada é preciso que se defina Desenvolvimento e Conservação:

"Desenvolvimento de uma estrutura é um processo - (ou transformação) em que ocorre aumento de organização, diferenciação e hierarquização.

Conservação de uma estrutura é um processo (ou transformação) em que ocorre manutenção de organização, diferenciação e hierarquização."⁶⁸

Nesse ponto é feita uma distinção entre esses processos quando referentes ao organismo e ao Ego. Para a autora,

"organismo e "Ego" são estruturas distintas capazes de desenvolvimento (ou involução) e de conservação, processos esses que são determinados em cada caso, por causas específicas..."⁶⁸

Ela conclui que

"desenvolvimento e conservação do organismo e do Ego são processos distintos que possuem também causas distintas. O modelo do instinto proposto por Freud se adequa à explicação do processo de conservação do organismo e da reprodução. Necessário se faz, portanto, uma explicitação dos demais modelos."⁶⁸

O trabalho de Trespalacios⁶⁸, portanto, será montado em cima da explicitação do modelo que dará conta de explicar os processos de desenvolvimento do organismo e de desenvolvimento e conservação do "Ego". Fugiríamos ao escopo -

deste trabalho se nos ativéssemos em detalhes a todo o longo percurso que levou a autora ao ponto que nos interessa. Permitimo-nos, portanto, aqui salientar aquilo que mais de perto nos toca, ou seja, o modelo de desenvolvimento e conservação do "Ego".

Segundo Trespalacios⁶⁸, esse modelo é homólogo ao modelo dos instintos de Freud; o organismo insatisfeito, sob a tensão de necessidade, buscará sua satisfação procurando os objetos adequados a ela. No caso do "Ego", homólogas às tensões de necessidade (somáticas) haverá as tensões narcísicas (expressão utilizada por Bleichmar) que darão origem a um

"impulso à identificação - homólogo ao impulso do desejo - que vai buscar um objeto de identificação (o modelo de identificação) para se completar, ou seja para, adquirindo as características do modelo, passar a ser representado como completo e, por conseguinte, atingir as finalidades de desenvolvimento e de conservação, o que vem a constituir, satisfações narcísicas."⁶⁸

Para que fique mais claro transcrevemos abaixo as conclusões da autora a esse respeito:

"1. assim como o organismo pode sinalizar sua in completude, existe uma estrutura psíquica, o "Ego", que também pode sinalizar sua incompletude. Essa estrutura é portadora de um potencial genético não atualizado e experimenta "tensões narcísicas", pre cisando portanto de elementos adequados ao seu de

desenvolvimento e à sua conservação. Assim como há representações do organismo como incompleto, há tambem representações do "Ego" como incompleto;

2. Assim como existem objetos que são capazes de satisfazer as necessidades de desenvolvimento e de conservação do organismo, existem objetos capazes de satisfazer as necessidades de desenvolvimento e de conservação do "Ego";

3. Assim como o Aparelho Psíquico, como instrumento de correlação entre o mundo endógeno e o mundo exógeno, permite a localização e a busca de objetos do mundo externo que preenchem carências do organismo, permite também localizar e buscar no mundo externo, estruturas completas, já elaboradas, syntetizadas (modelos de identificação), que preenchem as carências do "Ego", ou seja, que satisfazem suas necessidades de desenvolvimento e de conservação.

4. Assim como existe o impulso do desejo existe o impulso à identificação.

5. Assim como o organismo pode sinalizar sua completude, existe uma estrutura psíquica, o "Ego", que também pode sinalizar sua completude quanto às necessidades de desenvolvimento e de conservação; assim como há representações do organismo como completo, há representações do "Ego" como completo, quanto às suas necessidades de desenvolvimento e de conservação.

Em se tratando do "Ego", este, quando carente de

elementos necessários a seu desenvolvimento e à sua conservação, experimenta "tensões narcísicas" (no próprio "Ego), que constituem forma de desprazer, e impulsos à identificação que tornam necessário en contrar fragmentos do real, capazes de preencher - essas carências. Tais impulsos o levam à busca de objetos de identificação; esses objetos constituem os "modelos de identificação" assim tomados por se rem portadores de atitudes, desejos, emoções, habi lidades, etc, elementos esses necessários ao desenvolvimento e à conservação do "Ego".⁶⁸

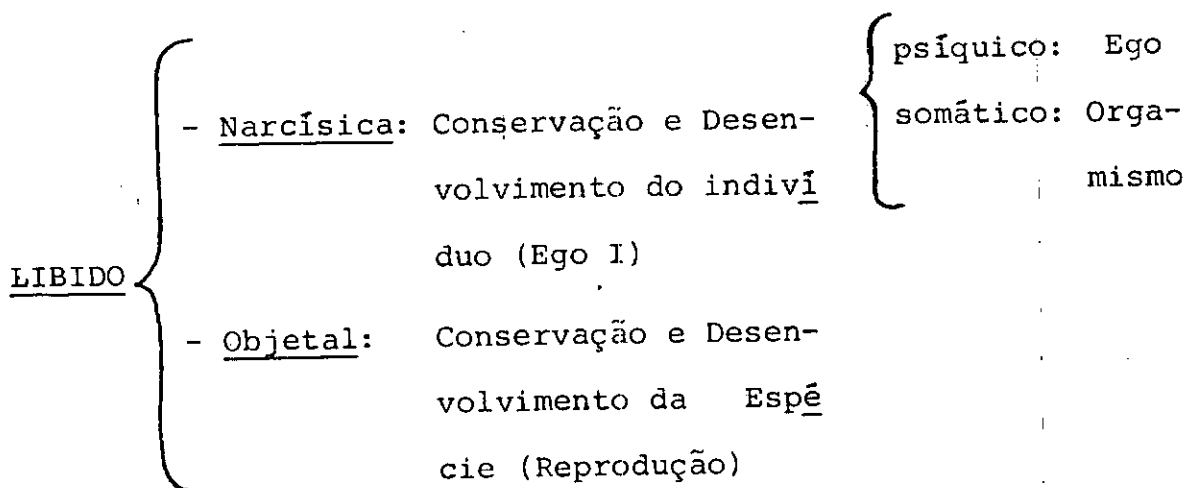
Portanto, o que nos interessa mais de perto é a e xistência de um impulso à identificação que surge na medida - em que o ego se perceba carente (tensão narcísica) daqueles objetos que atendam à sua necessidade de conservação e de de senvolvimento:

"Quando do contraste entre a percepção de um estado atual de incompletude e a representação de um esta do de completude quanto à necessidade de conserva ção do ego, surge o impulso à identificação, ou se ja, impulso a ir em busca de objetos que o comple tem, isto é, que satisfaçam sua necessidade de con servação. Homólogo a esse impulso, há também um im pulso à identificação, ou seja, um impulso a ir em busca de objetos que satisfaçam sua necessidade de desenvolvimento. Esse impulso é despertado pelo con traste entre a percepção de um estado atual menos

desenvolvido e a representação de um estado mais desenvolvido."68

A tensão narcísica é gerada quando há o "contraste entre a percepção do ego real e a representação do ego ideal".68 A partir daí surge o impulso à identificação que busca no outro todos aqueles requisitos psíquicos que considera importantes ter tanto para a conservação quanto para o desenvolvimento do próprio ego. Trespalacios68 parece ter uma visão semelhante a nossa quando distingue o impulso à identificação, que seria a força que conduz o processo, da identificação propriamente dita, que seria o produto resultante desse processo. A autora, porém, não explica como se dá a escolha do modelo de identificação, sugerindo que se busque uma melhor compreensão disso na etologia. Confere à mãe, entretanto, o estatuto de ser a primeira figura percebida como portadora daquilo que é desejado pela criança ter, quer com a intenção de conservação do seu ego quer com o intuito do seu desenvolvimento.

Outro aspecto importante levantado no trabalho de Trespalacios68 é o que se refere à distinção entre libido narcísica e libido objetal. Diferentemente de Freud, que distinguia ambas em função dos objetos visados por cada uma, o ego ou o objeto do mundo exterior respectivamente, ela nos mostra que em última instância, tanto a libido objetal quanto a narcísica estão sempre investidas em objetos do mundo externo ; assim sendo, o que as distinguiria seria sua finalidade. Trespalacios68 nos apresenta o seguinte quadro de esquematização:



"A 'libido narcísica' passou a ser compreendida como aquela que tem por finalidade desenvolver e conservar o indivíduo (organismo e "Ego") e a 'libido objetal', como aquela que tem por finalidade desenvolver e conservar a "espécie".⁶⁸

Entramos, portanto, agora, em uma área até aqui não vista: do narcisismo. Nossa problemática parece estar se centrando ao redor de questões diretamente ligadas ao desenvolvimento de um narcisismo normal ou patológico e das consequências que possam advir daí. Pensamos que, uma vez que a situação edípica, e, mais particularmente, a sua dissolução, envolve questões que atingem especificamente o narcisismo do indivíduo, uma das possíveis consequências advindas de um desenvolvimento patológico do narcisismo ocorrerá quando este se defrontar com essas questões e sua resolução.

Tendo em vista a importância que tomou dentro de nossa temática dedicamos o capítulo seguinte à exposição de algumas idéias sobre o narcisismo sem, no entanto, pretendermos esgotar o assunto com nossa apresentação.

4º CAPÍTULO: Sobre o Narcisismo

4.1) Freud:

Gostaríamos de dar início a esse capítulo voltando a uma questão já formulada anteriormente quando falávamos sobre as defesas. Freud levanta a possibilidade de que se descubra uma estreita vinculação entre certos tipos de defesas e formas específicas de neurose - tal seria o caso, por exemplo, da relação entre repressão e histeria. Pensamos, então, ser possível detectar-se uma relação semelhante entre o mecanismo de defesa da identificação e as personalidades narcísicas. Apresentamos a seguir um pequeno resumo sobre o assunto; não pretendemos esgotá-lo, como já dissemos anteriormente, mas apenas esboçar algumas idéias que nos parecem mais importantes para uma melhor discussão do tema.

O primeiro ponto que devemos tentar entender é por que razão associarmos a identificação ao mecanismo básico utilizado pelas personalidades narcísicas, ou seja, em que medida narcisismo e identificação estão relacionados um ao outro.

Essa ligação não aparece ao acaso mas surge muito claramente quando do estudo das fases do desenvolvimento psico-sexual. A fase oral de desenvolvimento, como já vimos, também chamada de canibalística, caracteriza-se precisamente pela utilização do recurso da incorporação que por sua vez implica em uma forma de se relacionar com o mundo através de 'colocá-lo para dentro' assim como é feito aos alimentos. Segundo o próprio Freud¹¹, a incorporação é o protótipo biológico

gico do mecanismo psicológico da identificação que só vai surgir mais tarde. Fica claro portanto que as raízes ou o equivalente biológico do mecanismo de identificação encontram-se justamente no período de desenvolvimento dito narcísico cuja forma de obtenção de prazer é auto-erótica e tem como fonte a zona oral. Segundo Trespalacios⁶⁸ a identificação realiza a incorporação dos objetos adequados ao desenvolvimento e à conservação do ego. Num primeiro momento, a mãe será aquela que contém em si tanto os objetos que servirão ao desenvolvimento e à conservação do ego como aqueles apropriados ao desenvolvimento e à conservação do organismo. Passemos, pois, à questão do conceito de narcisismo e das personalidades narcísicas.

Possivelmente pelas diversas acepções que vai adquirindo ao longo da obra de Freud além das concomitantes modificações no seu sentido, o conceito de narcisismo é de difícil definição e explicitação. Lichtenstein⁶⁴ cita uma expressão de Jones que demonstra claramente o que queremos dizer: para Jones (1955) o narcisismo "is a disturbing concept" uma vez que deve servir de chão para tantas "construções teóricas". Nas palavras de Lichtenstein o conceito serve tanto como um suporte para uma nova abordagem na teoria da libido quanto para o estudo das relações objetais; além disso é a 'Âncora' da nova psicologia do ego e, por fim, repousa sobre si a reforma estrutural da metapsicologia. Ou seja, o conceito de narcisismo vem revolucionar tudo que há de mais básico dentro da psicanálise o que implica que um esclarecimento e uma definição precisos e unívocos se tornam indispensáveis para uma maior

clareza teórica.

Para Freud inicialmente (1910) o termo tem o senti-
do de explicar a escolha objetal feita pelos homossexuais -
essa escolha de objeto narcísica implica que eles procuram um
outro à semelhança de si próprios para que "possam amar como
a mãe os amou a eles"¹¹. A partir dessa primeira definição
Freud propõe (1911 - Caso Schreber)¹⁸ que se considere uma no-
va fase dentro do desenvolvimento sexual que estaria colocada
entre a auto-erótica e as relações objetais propriamente di-
tas. Essa fase narcísica (a qual já nos referimos) implica -
que antes de tomar o outro como objeto de amor o indivíduo
primeiro tomará a si mesmo como tal. Com o surgimento da 4ª
topografia (Ego, Id, Super-ego), no entanto, a distinção en-
tre auto-erotismo e narcisismo desaparece e o que resta é uma
diferenciação entre um estado narcísico primário "caracteriza-
do pela total ausência de relações com o meio, por uma indife-
renciação entre o ego e o id e que teria o seu protótipo na
vida intra-uterina..."⁶², e um narcisismo secundário caracte-
rizado por ocorrer juntamente com a formação do ego em função
da libido que é investida neste pelas identificações ocorri-
das com o outro: "A libido que aflui ao ego pelas identifica-
ções (...) representa o seu 'narcisismo secundário'"⁶².

Em 1914²³ o tema do narcisismo é abordado de forma
diferente no trabalho que leva o seu nome: a ênfase é coloca-
da sobre a relação econômica existente entre o narcisismo e o
amor objetal. Ou seja, como diz o Vocabulário de Psicanálise,
"Freud estabelece uma 'balança' entre a 'libido do ego' (in-

vestida no ego) e a "libido objetal"⁶² - a relação entre as duas é inversamente proporcional; quanto mais um é investido menos estará o outro. O ego é considerado o reservatório da libido, com poderes para catexizar os objetos ou desinvesti-los trazendo de volta a libido para si. É justamente esse de-sinvestimento do objeto que caracteriza o estado psicótico ou as chamadas neuroses narcísicas - a libido é retirada dos ob- jetos e reinvestida no próprio ego o que explicaria por exem- plo, certos estados de megalomania.

4.2) Alguns autores pós-freudianos

Além dos sentidos mencionados acima que são atri- buídos ao termo narcisismo ele também está intimamente asso- ciado aos problemas de auto-estima, auto-representação, e i- dentidade. Diversos autores (Lichtenstein, Kohut, Stolorow , Bleichmar, entre outros) abordam o assunto segundo essa dimen- são que de acordo com Lichtenstein⁶⁴ (1962) transcende as questões apenas referentes às catexias do ego ou catexias do objeto:

"the mirror and the act of mirroring introduce pro- blems of the emergence of a primary identity, of identity confusion, of loss of identity, and of i- dentity maintenance as well. I believe that the concept of narcissism compels us to investigate the relationship between the experience of mirro- ring and the emergence of a primary identity on the one hand, and the relationship of such a prima- ry identity to the development of the ego on the other hand".⁶⁴

Para o autor a experiência do espelhamento (mirroring) é vista nos seguintes termos: os desejos inconscientes da mãe com relação a seu filho refletirão para ele um esboço, um delineamento de sua auto-imagem; dentre as inúmeras possibilidades potenciais de ser, de existir, a criança corresponderá àqueles desejos específicos daquela mãe específica. Para Lichtenstein⁶⁴, dessa primeira experiência arcaica, "mirroring experience", começa a emergir e se delinear uma identidade primária que ele chama de narcísica. É importante que se note que essa identidade primária ainda não é considerada como implicando um sentido de identidade que já exigiria certa dose de consciência. Ela é vista antes como "a primary organizational principle without which the process of developmental differentiation could not begin."⁶⁴ Por outro lado, para ele, as relações objetais narcísicas devem ser entendidas como um esforço regressivo no sentido da manutenção da identidade através de o sujeito se espelhar no objeto.

Stolorow⁶⁷ (1975) compartilha de ponto de vista semelhante a Lichtenstein porém sugere que se abandone a teoria econômica clássica do narcisismo em favor de uma definição funcional do conceito. Ou seja, para ele, por exemplo, o narcisismo, enquanto definido funcionalmente não pode ser considerado sinônimo de auto-estima, que por sua vez seria multi-determinada. O conceito de narcisismo agrega as operações mentais cuja função é dupla: regular a auto-estima (o colorido afetivo da auto-representação - affective colouring of the self-representation) e manter a coesão e a estabilidade da au

to-representação (a fundação estrutural sobre a qual a auto-estima se encontra). Quando, no entanto, a auto-estima é ameaçada ou diminuída, as atividades narcísicas são chamadas a atuar numa tentativa de protegê-la, restaurá-la e estabilizá-la.

Outro autor que traz sérias contribuições a esse tema é Hugo Bleichmar. Dois capítulos de seu livro "La Depressión: Um Estudio Psicoanalítico"³ abordam as questões do narcisismo de forma bastante interessante. Pela pertinência de suas conclusões extender-nos-emos um pouco mais detalhadamente na sua abordagem.

O autor começa por uma premissa básica que servirá de alicerce para o resto do trabalho: o tema do narcisismo tem que ser abordado segundo dois prismas diferentes: o primeiro é o da relação de semelhança ou diferença entre o ego do indivíduo e do objeto de sua escolha. Essa primeira forma de se estudar a questão trará esclarecimentos para a visão psicanalítica segundo a qual a escolha narcísica de objetos significa procurar um outro à imagem e semelhança de si mesmo. Ele, no entanto, não se detém em maiores considerações a respeito. O segundo é o que está voltado para entender a vivência de perfeição, de auto-estima, de completude, enfim, da hiper-estimação de si mesmo, que não encarados como os vários aspectos da personalidade que estão contidos e envolvidos numa outra possível abordagem do conceito. Será esta segunda assertiva que basicamente orientará seu trabalho - uma melhor explicitação do conceito de narcisismo enquanto envolvendo todas as questões relacionadas à auto-estima do indivíduo e a auto-representação. Ao in

vés de uma preocupação com a concepção econômica do narcisismo ele prefere pensar em um conceito de narcisismo que está - "...desde su origen en el campo mismo de la significación, de las valoraciones..."³ Coloca duas questões preliminares em função dessa concepção: Como alguém adquire a valoração de si mesmo? Como se constitui uma representação do ego que seja digna de amor? Para Bleichmar a auto-representação, a auto-estima, se formam a partir de duas possibilidades:

a) pela identificação da criança com a imagem que lhe é dada de si pelo outro; basicamente esse outro se encontra entre as figuras significativas da infância às quais a criança se acha dependente tendo em vista serem para ele seus objetos de amor.

b) pela identificação com a representação que o outro tem de si próprio - por exemplo pode ocorrer uma supervalorização de si próprio em função da criança se identificar com figuras que se supervalorizam.

A identificação que surge a partir dessas duas possibilidades, por outro lado, só se mantém às custas de que o outro a aceite como verdadeira; ou seja, o outro desempenhará um duplo papel - tanto como responsável pelo surgimento quanto como responsável pela manutenção e as diversas modificações pelas quais passa o ego representação.*

Intimamente associada a toda essa questão do narcisismo entra também em discussão a formação do ego ideal uma vez que estamos falando sobre a escala de valores que regem a

*Ego-representação: definido por Bleichmar como "la construcción de la representación que el sujeto se hace de si mismo..."³

vida do indivíduo e desempenham um papel na auto-representação que ele desenvolverá. O autor define ego ideal como "la representación de un personaje que poseería los tributos de máxima valoración (belleza, poderío, coraje, inteligencia etc.)"³. A existência de um ego ideal que agrega os traços mais valorizados faz supor que, contraposto a ele, existem também os traços de menor valorização; é nesse sentido que Bleichmar fala de um negativo do ego ideal. Há portanto uma escala de valores sendo que em um extremo encontramos os atributos de máxima valorização correspondendo ao ego ideal e no outro extremo os de menor valorização correspondendo ao negativo do ego ideal. Determinado traço ou atributo encontrará seu lugar em um ou outro dos extremos de acordo à valorização que lhe é dada pela ordem da cultura ou da micro-cultura familiar.

Estar identificado com o ego ideal dará sem dúvida, ao indivíduo, um sentimento de elevada auto-estima, uma vivência de completude e de onipotência etc. No entanto haverá o perigo de que perca essa posição e passe a estar identificado com o oposto dessa condição narcísica ideal de engrandecimento. Esta situação de perigo produzirá um estado doloroso e angustiante de tensão. A tensão dolorosa emergente provocará, por sua vez, no indivíduo uma tendência a se identificar novamente com o ego ideal. Bleichmar explica esse movimento fazendo um paralelo com o modelo de Freud sobre a tensão de necessidade e a busca de satisfação: assim como há uma "tensão de necessidade" que desperta o desejo e a conduta apetitiva que

levará ao reencontro com a "experiência de satisfação" haverá também uma tensão narcísica (gerada pelo vazio egóico ou a identificação com o negativo do ego ideal) que "põe em marcha o movimento psíquico tendente ao reencontro com a identificação com o ego ideal."³

Frente à tensão narcísica podem ser adotadas:

1) defesas específicas do narcisismo - mecanismo de compensação - por exemplo, posição, prêmios, status, poder etc.

2) defesas não específicas - mecanismo de defesa em geral - repressão, anulação, identificação etc.

O colapso narcísico surge quando as compensações ou os mecanismos de defesa em geral fracassam frente à tensão narcísica e equivale à perda da identificação com o ego ideal e a identificação com o seu negativo.

Todo ser humano tem desenvolvido em maior ou menor grau um narcisismo que o faz super-valorizar a representação de si mesmo. Em cada um porém o narcisismo se manifestará de maneiras diferentes. Bleichmar procura então caracterizar as chamadas personalidades narcísicas levando em conta que tudo o que acontece a elas é codificado em função dos seguintes fatores:

a) quanto valem

b) alcança, ou não, a identificação com o ego ideal.

O que caracterizam, em essência, a esse tipo de pessoas, é a preocupação pela auto-valorização e pela auto-estima.

Otto Kernberg⁵⁹ (1973) também aborda a problemática

das personalidades narcísicas e em seu trabalho "Further contributions to the treatment of narcissistic personalities" - procura caracterizar as mesmas contrapondo seus pontos de vista aos apresentados por Kohut⁶¹ (1971). Para Kernberg, pacientes com personalidades narcísicas se caracterizam por:

1) absorção em si mesmos em geral porém com uma adaptação social superficial e sérias distorções no relacionamento interno com outras pessoas;

2) apresentam ambição intensa, fantasias grandiosas, sentimentos de inferioridade e uma dependência excessiva da admiração e aprovação externas.

3) sentimentos de tédio e vazio, e empenho na conquista do poder, beleza, inteligência que os gratifique.

4) deficiências sérias em sua capacidade para amar e se preocupar com outros.

5) incerteza crônica e insatisfação consigo mesmos.

6) exploração e maldades conscientes ou inconscientes contra outros

7) presença de inveja intensa, crônica, e defesas contra tal inveja, particularmente a desvalorização, controle onipotente e retraimento narcisista como características de sua vida emocional.

Kernberg⁵⁹ discorda de Kohut⁶¹ (1971) quando este acha possível estudar separadamente o desenvolvimento do narcisismo e das relações objetais. Para ele não se pode pensar

em abordar o tema do narcisismo sem, ao mesmo tempo, falar nas relações objetais uma vez que o investimento narcísico (i.e. no self) e o investimento objetal (em outros seres humanos e nas representações do outro) ocorrem simultaneamente e se influenciam mutuamente. Ele defende, ao longo de seu trabalho, os seguintes pontos de vista:

a) as personalidades narcísicas refletem, através - das resistências narcísicas, um narcisismo patológico que é diferente tanto do narcisismo adulto normal quanto da fixação ou regressão a um narcisismo infantil.

b) o narcisismo patológico envolve tanto as vicissitudes dos impulsos libidinais quanto as vicissitudes dos impulsos agressivos e só através da análise de ambos estes componentes é que ele pode ser entendido. Ou seja, o narcisismo patológico implica em um investimento libidinal em um self patológico. Este self, por sua vez, possui funções defensivas contra - um investimento libidinal e agressivo sobre um self primitivo e imagens de objetos subjacentes que por sua vez refletem conflitos intensos, predominantemente pré-genitais, envolvendo - tanto o amor quanto a agressão.

c) as características estruturais das personalidades narcísicas não podem ser entendidas simplesmente em termos de uma fixação em um estágio primitivo do desenvolvimento, ou uma carência no desenvolvimento de certas estruturas intrapsíquicas. Elas são uma consequência do fato de que estruturas do ego e do super ego tenham se diferenciado e integrado de forma patológica, derivando-se de relações objetais patológicas.

O self patológico se origina da fusão de alguns as pectos do self real, do self ideal e do objeto ideal. Essa condensação é patológica e representa algo diferente de uma - simples fixação em um estágio primitivo de desenvolvimento.

É dentro desta perspectiva que Kernberg comenta so bre as possibilidades de análises para esses pacientes e os fenômenos de transferência que nela ocorrem:

"... in the early stages of the analysis, idealiza tion of the analyst serves to recreate the patient's usual incorporative relationships with potential sources of gratification, the idealization of such sources representing the gratifying fantasies that other people, in this case the analyst, still have something valuable that the patient has not yet in- corporated and that he needs to make his. The early idealization is also a defense against the danger of emergence of intense envy, and against the pro cesses of devaluation of the analyst."⁵⁹ (o grifo é nosso)

A resolução do narcisismo patológico significa o desenvolvimento de um narcisismo infantil e adulto normais no contexto de relações objetais que se processam normalmente e em maior profundidade contrastando com o comportamento social superficialmente adaptativo das personalidades narcísicas.

Contrariamente a Kernberg, Kohut acredita que os transtornos narcísicos da personalidade tem sua origem a par tir de um ponto de fixação, tendo este ocorrido em um "segmen

to mais primitivo do eixo temporal do desenvolvimento psíquico"⁶¹; tais pacientes teriam permanecido fixados no que o autor define como configurações arcaicas que englobam tanto um self grandioso quanto objetos arcaicos super valorizados, narcisicamente catexizados. O fato de essas configurações não se terem integrado ao resto da personalidade gera consequências fundamentais:

1) a personalidade adulta e suas funções maduras ficam empobrecidas em razão de estarem privadas da energia que se encontra investida nas antigas estruturas e/ou

2) as atividades adultas e realistas destes pacientes se vêem atrapalhadas pela ruptura e a intrusão das estruturas arcaicas e de suas exigências arcaicas.

O autor faz questão de distinguir entre as personalidades narcísicas e os casos de psicose e fronteiricos. A diferença destes, as personalidades narcísicas alcançaram, no essencial, um self coeso e construíram objetos arcaicos idealizados coesos, além de que não se sentem ameaçadas pela possibilidade de uma desintegração irreversível do self arcaico ou dos objetos arcaicos com catexias narcísicas. Determinada sintomatologia os caracteriza, tal como sentimentos de vazio e de depressão sutis porém penetrantes, embotamento emocional, trabalham sem entusiasmo, se deixam levar pela rotina, parecem desprovidos de iniciativa, vulnerabilidade narcísica (responsável pelo fato de que após uma grande auto satisfação o paciente volte a decair rapidamente assim como também pelo fato de ele não conseguir manter renovada a vitalidade de

de suas ações). Para Kohut⁶¹ tais queixas refletem o esgota-
mento do ego ao ter que defender-se das exigências irrealis-
do self grandioso arcaico ou em função da necessidade extrema
que tais pacientes sentem de um provedor externo de auto-esti-
ma e outras formas de sustentação emocional no campo do narcis-
sismo. A fonte principal de mal-estar é a incapacidade para
regular a auto-estima e conservá-la em níveis normais. Além
disso tais pacientes parecem também expostas ao temor pela
perda do objeto, a perda do amor do objeto e por último a an-
gústia pela castração.

CONCLUSÕES

Ao longo de nosso trabalho perseguimos um objetivo básico: tentar entender porque determinados indivíduos adotavam para si, de forma acentuada, os padrões parentais (em todos os níveis, ou seja, atitudes, gestos, mímica etc.) denotando ao mesmo tempo um fraco sentimento de identidade com perturbações visíveis nessa área.

Inicialmente pensávamos tratar-se de conflitos edípicos mal resolvidos: uma vez que, na dissolução do complexo de Édipo, não fosse alcançada a sua extinção mas apenas a repressão do desejo, este se manifestaria patologicamente na busca de uma máxima identidade possível com a figura parental rival, cristalizando assim a fantasia inconsciente de conquista do primeiro objeto de amor.

Percebemos, no entanto, que a questão seria mais ampla. Ou seja, ainda que nossa hipótese estivesse correta, essa tentativa de resolução do conflito edípico ocorria como consequência de algum distúrbio maior da personalidade e não poderia ser tratada como um fato isolado nem poderia ser entendida como sua causa. Portanto parecia necessário tentarmos, antes de mais nada, compreender que tipo de distúrbio de personalidade gerava sintomas do tipo

1) fraco sentimento de identidade

2) utilização patológica de um determinado mecanismo no caso o de identificação, fazendo supor um enrijecimento neurótico no funcionamento do ego.

3) ausência de uma personalidade autêntica, ou seja, aquela que além de estruturada e estável também é original.

4) aparecimento de pseudo-identificações; Schecter⁶⁶ explica sua idéia de pseudo identificações do seguinte modo:

"... identity is akin to the architectural design of a building whereas identifications would represent the brick, stone and glass units that require integrative mortar and design to hold them together and give them unity and meaning. If beginning identifications are not molded to and integrated with the total personality they become "loose bricks" or what we alter refer to as pseudo-identifications."⁶⁶

Seguindo a idéia freudiana de uma relação específica entre determinados mecanismos de defesa e certos tipos de neurose prosseguimos nosso trabalho nessa linha de investigação, ou seja, tentando determinar que tipo de neurose utilizaria como mecanismo de defesa básico a identificação e que consequências seriam advindas daí.

Tomando por base o modelo desenvolvido por Trespalcios⁶⁸ sobre o desenvolvimento e a conservação do organismo e do ego, e também as idéias de Balint¹ de que a identificação - serve basicamente a propósitos narcísicos, tiramos uma primeira conclusão em nosso trabalho: quando tratamos com distúrbios na área dos processos de identificação necessariamente estamos envolvidos também com questões sobre o narcisismo. Distúrbios numa área fatalmente atingirão a outra uma vez que o mecanismo

de identificação está diretamente associado ao desenvolvimento do narcisismo.

Como já vimos anteriormente Trespalacios⁶⁸ desenvolveu um modelo que explicasse o desenvolvimento e a conservação do organismo e do ego, modelo este equivalente ao de Freud para explicar a conservação do organismo. A autora conclui que existe um narcisismo somático e um narcisismo psíquico: o primeiro tem a fonte no organismo e elementos próprios para o seu desenvolvimento e a sua conservação; o narcisismo psíquico, - por seu lado, tem sua fonte no psiquismo e elementos próprios para o desenvolvimento e a conservação do ego. Por outro lado, os elementos que satisfarão as exigências de desenvolvimento e conservação do ego são adquiridos através do processo de identificação. A mãe seria, no início da vida, aquela que possuiria todos esses elementos, ou seja, seria o modelo capaz de suprir as necessidades narcísicas do filho embora deva também ser capaz de, em determinado momento, dar início ao processo - de separação e diferenciação:

"Conduzida por uma variedade de motivações pessoais, no mais das vezes inconscientes, a mãe tanto pode inibir o processo de separação, como também estimular precocemente esse processo; essas atitudes são igualmente prejudiciais à criança. A importância desse "objeto relacional primário" é, portanto, fundamental. Deve a princípio ser capaz de devaneio, de alimentar a necessidade fantasiosa de completude do bebê, de favorecer a ilusão narcísica, mas pouco a pou

co deve ir dando respostas discriminativas a fim de ir possibilitando a este, a vivência de ser separado e diferente. Sõ na medida em que se tiver introjetado a figura materna é que se tornará possível separar-se dela e perceber-se portanto como diferente dela. Esta separação é essencial porque apenas seu reconhecimento e aceitação bem como o reconhecimento e a aceitação da possível perda do objeto possibilitam ao indivíduo estabelecer relações objetais maduras. Esta separação e diferenciação devem se realizar gradual e progressivamente a fim de que não ocorra fracasso no processo de individualização." (o grifo é nosso).⁶⁸

Considerando que

1) é necessário haver, por parte da criança, uma aceitação e um reconhecimento da separação com a mãe,

2) é necessário um reconhecimento e uma aceitação da possível perda do objeto,

a fim de que

3) ela possa estabelecer relações objetais maduras,

4) possa entrar no processo de individualização

E que, além disso

1) é o mecanismo de identificação com a mãe que proporcionará a ilusão narcísica de completude,

2) dependerá da mãe, na qualidade de objeto relacional primário, quebrar a relação simbiótica para possibilitar

ao filho um começo de diferenciação que o levará à primeira vi
vência de estar separado,

Fica claro que:

1) o desenvolvimento de um narcisismo normal ou pat
lógico dependerá do bom êxito ou não que se tenha alcançado na
passagem desse primeiro estágio simbiótico para um estágio de
diferenciação e separação,

2) além disso o mecanismo de identificação toma par
te ativa nesse processo enquanto recurso através do qual o in
divíduo alcança ou não a ilusão narcísica de completude.

Podemos, portanto, inferir que distúrbios nessa pri
meira fase do desenvolvimento poderão gerar um apego ou fixa
ção aos mecanismos utilizados na mesma; em sendo assim, sugeri
mos que na maior parte das vezes os distúrbios na área do nar
cismo acarretarão consigo distúrbios quanto à utilização des
se mecanismo específico que é a identificação e que, por sua
vez, a presença de uma utilização patológica do mecanismo de
identificação faz supor que existam distúrbios na personalida
de de natureza narcísica.

A primeira pergunta que formulamos sobre a busca de
uma identidade perfeita entre filhos e genitores nos remete,
portanto, à área do narcisismo e aos distúrbios específicos -
nesta área para então tentarmos uma compreensão melhor sobre
as consequências dessas perturbações narcísicas da personalida
de frente ao conflito edípico.

Distúrbios na área do narcisismo podem levar àquilo

que Bleichmar³ e outros chamam de personalidades narcísicas. Para Bleichmar essas pessoas se caracterizam por apresentarem uma preocupação centralizada em torno a sua auto-estima e auto-valoração. Segundo ele, codificam tudo em termos de quanto valem e se estão ou não identificados com o ego ideal.

Portanto, qualquer ameaça no sentido de uma perda de valorização gera logo o que o autor chama de "tensão narcísica" mobilizando de imediato defesas que impeçam o "colapso narcísico" que por sua vez levaria a um estado de depressão - narcisista.

Bleichmar distingue dois tipos de depressão narcisista: uma crônica e outra aguda. Faz ainda uma representação do modelo psicogênico da depressão narcisista colocando-a no centro de um triângulo cujos vértices seriam: o elevado ideal narcísico, representação desvalorizada de si e a agressividade de uma consciência crítica. Diz, por outro lado, que os momentos de mudança no decorrer de vida tais como entrada na escola, entrada na adolescência, etc. podem ser desencadeadores de um estado de depressão aguda uma vez que impedem que o indivíduo continue a manter a identificação com o ego ideal que conseguira até então. A perda dessa identificação fantasiosa gera o colapso narcísico e o estado de depressão.

Levando em conta nossa primeira conclusão sugerimos que distúrbios na área do narcisismo trarão, entre outras consequências, dificuldades quando na fase do complexo de Édipo, mais especificamente quando da sua dissolução.

Já vimos anteriormente todo o desenvolvimento do

complexo edípico. Gostaríamos de enfatizar aqui o aspecto nar
císico envolvido na ansiedade de castração tanto no menino
quanto na menina. Se estamos tratando com pessoas cuja pertur
bação psicológica se encontra exatamente nessa área, é de se
supor que as situações que envolvem tanto sua auto-estima -
quanto sua auto-valorização (que as ameacem de perder a iden
tificação com um ego ideal ou que as ameacem com a perda do
falo (daquilo que a completa)), envolverão risco maior de se
rem mal resolvidas ou de criarem conflitos neuróticos.

Uma vez que a dissolução do complexo de Édipo pode
ser considerada como um período que envolve conflitos nar
císicos por excelência sugerimos aqui que:

1) pessoas com distúrbios narcísicos de personalidade
de enfrentarão conflitos específicos quando da dissolução do
complexo de Édipo

2) tais conflitos estão ligados à vivência de iden
tificação com o negativo do ego ideal gerados pela

a) ansiedade de castração - que envolve a perda do
falo

b) perda do primeiro objeto de amor

c) derrota frente ao rival

Pensamos que qualquer destes itens pode gerar a vi
vência de um vazio egôico que seria o sentimento exatamente -
inverso ao que é proporcionado pela mãe na primeira relaçã
o (simbiótica) com o filho quando esta lhe propicia a ilusã
o narcísica fantasiosa de completude. O estar identificado com

o negativo do ego ideal, como já vimos, gerará um movimento tendente ao reencontro com a identificação com o ego ideal, a re-perceber a representação de si como valorizada.

Sugerimos que a defesa básica a ser mobilizada nestas condições é a de identificação que, como o protótipo utilizado em uma fase arcaica quando servia para criar a fantasia narcísica de completude, será utilizado agora de forma patológica como o meio de preencher os vazios egóicos percebidos em si mesmo. O indivíduo tira do outro aquilo que lhe parece necessário para aumentar sua auto-valorização e auto-estima, ou seja, é a procura do falo como representando aquilo que lhe falta e que o outro tem.

O conceito de falo é utilizado aqui na acepção lacaniana, ou seja, na qualidade de significante de uma falta. Nesse sentido, o colapso narcísico pode ser entendido como a perda da identificação com o valor fálico, uma vez que a posse do falo implica na vivência de completude, de perfeição e de onipotência ao passo que sua perda traria sentimentos opostos a esses.

Podemos concluir, portanto, que :

- 1) A fase do complexo de Édipo envolve questões narcísicas por excelência;
- 2) a) A posse do primeiro objeto de amor
b) A posse do falo (antes do medo da castração)
c). Ausência da percepção da existência de um rival dão ao indivíduo a vivência de onipotência, completude ,

perfeição, enfim, colocam-no identificado com os valores do ego ideal.

3) A fase da dissolução do complexo de Édipo mobilizará profundamente o indivíduo em seu narcisismo uma vez que estão em jogo os itens a, b e c, ou seja

a) a perda do primeiro objeto de amor

b) a perda do falo (ansiedade de castração)

c) derrota frente ao rival

colocando, então, o indivíduo numa posição de identificação com o negativo do ego ideal.

4) Indivíduos cuja problemática esteja centrada ao redor de questões referentes ao seu narcisismo, mais especificamente, as chamadas personalidades narcísicas, apresentarão dificuldade próprias e específicas quando na fase do complexo de Édipo e especialmente na sua dissolução.

5) Uma vez que, como vimos antes, os distúrbios na área do narcisismo, envolverão, no mais das vezes, um uso patológico do mecanismo de identificação frente às diversas situações que aquele indivíduo irá enfrentar, sugerimos que um momento crítico como o da dissolução do complexo de Édipo levará tais indivíduos com esse tipo de personalidade a recorrerem à utilização do mecanismo de defesa da identificação como recurso defensivo básico para a "resolução" do conflito edípico.

6) A dissolução do complexo de Édipo pode equivaler, para essas pessoas a um estado de tensão narcísica ou

mesmo a um colapso narcísico uma vez que implica na perda de um objeto cuja posse dá a vivência de onipotência, perfeição etc. e cuja perda acarretará uma diminuição na auto-valoração.

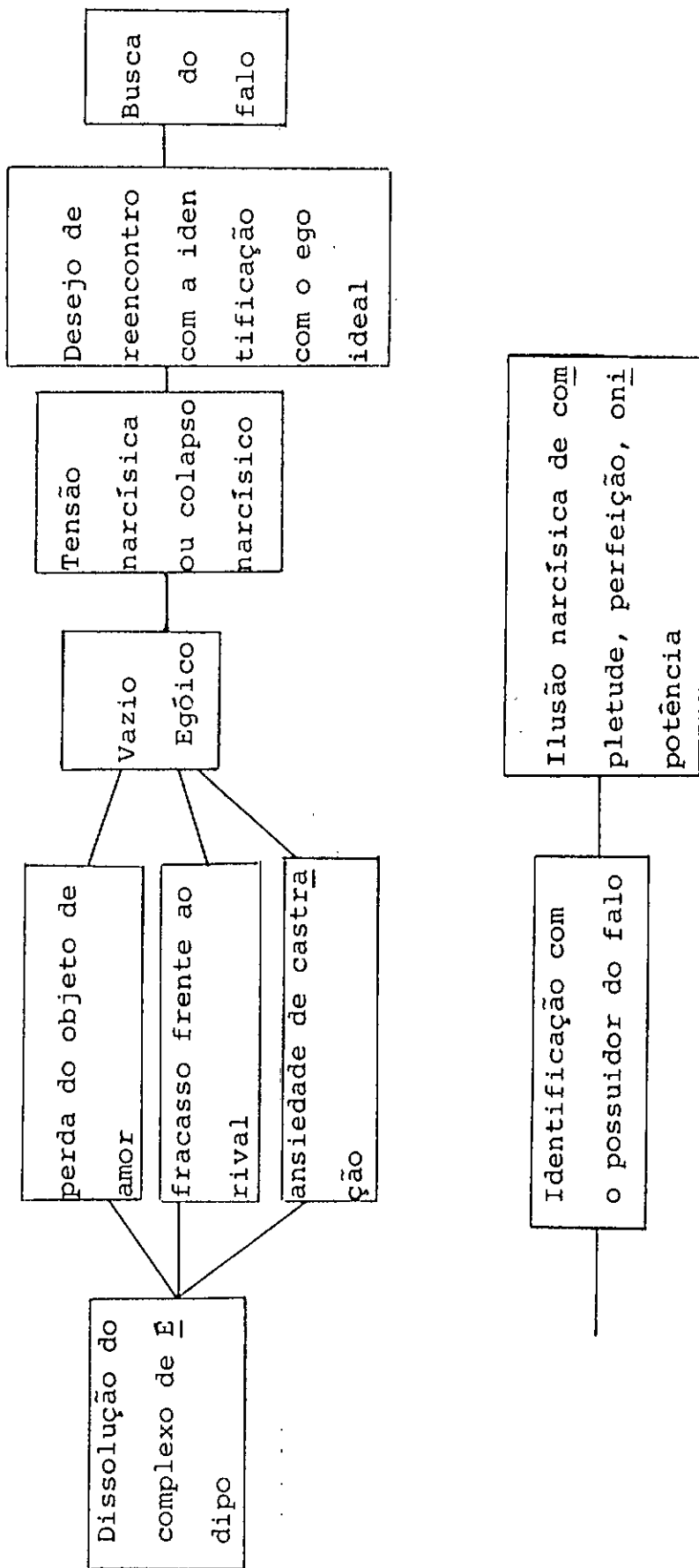
Por essa razão, também, podemos concluir que haverá uma utilização maciça do mecanismo de defesa de identificação.

7) O progenitor rival, como possuidor dos atributos que permitiram a conquista e a posse do objeto de amor, será percebido como completo, onipotente etc. e servirá portanto como o modelo básico.

8) Tendo em vista o item 7 podemos concluir que esse modelo básico, detentor de todos os atributos de máxima valoração, servirá como o modelo com o qual o indivíduo irá se identificar no sentido de conquistar para si aquilo que o outro tem e que ele sente como ausente em si mesmo.

9) Ter o que o outro tem criará novamente a ilusão narcísica de perfeição, completude e onipotência, crystalizando, ao mesmo tempo, o desejo edípico de conquista do primeiro objeto de amor e não permitindo uma resolução adequada do conflito edipiano.

A P Ê N D I C E I



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1) Balint, Alice "Identification", in International Journal of Psychoanalysis, (1943) 24, 3-4
- 2) Barros, Carlos "Contribuição à controvérsia sobre o "Ponto de Vista Econômico", in Psicanálise: problemas metodológicos, coleção Conscientia, 2, Petrópolis Editora Vozes, 1975.
- 3) Bleichmar, Hugo La depresión : um estudio psicoanalítico, Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1978.
- 4) Bonaparte, M., Freud, A, & Kris, E. (eds) The origins of psychoanalysis: letters to wilhelm Fliess, drafts and notes, by Sigmund Freud (1887-1902), New York: Basic Books, 1954.
- 5) Dantas, Dulce de Queiroz Campos Identificação e identidade numa perspectiva psicanalítica, Tese de Mestrado, PUC/RJ, 1974.
- 6) Fenichel, Otto "Identification" (1926), in Collected papers of Otto Fenichel : First Series N.Y., W.W. Norton & Co. Inc., 1953.
- 7) Freud, A. O ego e os mecanismos de defesa (3ª edição), Coleção Corpo e Espírito, vol. 6, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1974

- 8) Freud, S. "A interpretação dos Sonhos" (1900), in Edição Standard Brasileira, vol. IV, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1972
- 9) _____ "A psicopatologia da vida cotidiana" (1901), in Edição Standar Brasileira, vol. VI, Rio de Janeiro : Imago Editora, 1976
- 10) _____ "Fragmento da análise de um caso de histeria" (1905 1901), in Edição Standard Brasileira, vol.VII, Rio de Janeiro : Imago Editora, 1972.
- 11) _____ "Tres ensaios sobre a teoria da sexualidade" (1905), in Edição Standard Brasileira, vol. VII, Rio de Janeiro : Imago Editora, 1972.
- 12) _____ "Sobre as teorias sexuais das crianças"(1909), in Edição Standard Brasileira, V.IX, Rio de Janeiro : Imago Editora, 1976.
- 13) _____ "As perspectivas futuras da terapeutica psicanalítica" (1910), in Edição Standard Brasileira, vol. IX, Rio de Janeiro : Imago Editora, 1972.
- 14) Freud, S. "Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância" (1910), in Edição Standard Brasileira, vol. XI, Rio de Janeiro : Imago Editora, 1970.
- 15) Freud, S. "Cinco lições de psicanálise" (1910 1909), in Edição Standard Brasileira, vol. XI, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1970.

- 16) _____ "Carta ao Dr. Friedrich S. Krauss. Sobre a An
tropolytheia" (1910), in Edição Standard Brasileira, vol.
XI, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1970.
- 17) _____ "Um tipo especial de escolha de objeto feita
pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I)"
(1910), in Edição Standard Brasileira, vol. XI, Rio de
Janeiro: Imago Editora, 1970.
- 18) _____ "Notas psicanalíticas sobre um relato autobio
gráfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides)"
(1911), in Edição Standard Brasileira, vol. XII, Rio de
Janeiro: Imago Editora, 1969.
- 19) _____ "Formulações sobre os dois princípios do fun
cionamento mental" (1911), in Edição Standard Brasileira,
vol. XII, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.
- 20) _____ "Sobre a tendência universal à depreciação na
esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II)"
(1912) in Edição Standard Brasileira, vol. XI, 1970.
- 21) _____ "A disposição à neurose obsessiva - Uma con
tribuição ao problema da escolha da neurose" (1913), in
Edição Standard Brasileira, vol. XII, Rio de Janeiro: I
mago Editora, 1969.
- 22) _____ "Totem e tabu" (1913 1912-13), in Edição
Standard Brasileira, vol. XIII, Rio de Janeiro: Imago
Editora, 1974

- 23) _____ "Sobre o narcisismo: uma introdução" (1914), in Edição Standard Brasileira, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.
- 24) _____ "O Inconsciente" (1915), in Edição Standard Brasileira, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.
- 25) _____ "Os instintos e suas vicissitudes" (1915), in Edição Standard Brasileira, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.
- 26) _____ "Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença" (1915), in Edição Standard Brasileira, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969 .
- 27) _____ "Conferências introdutórias sobre psicanálise" (1916-1917 1915-17), in Edição Standard Brasileira, parte 1 e 2, vol. XV, Rio de Janeiro: Imago Editora , 1976.
- 28) _____ "Conferências introdutórias sobre psicanálise" (1916-1917 1915-17), in Edição Standard Brasileira, parte 3, vol. XVI, Rio de Janeiro: Imago Editora , 1976.
- 29) _____ "Luto e melancolia" (1917 1915), in Edição Standard Brasileira, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

- 30) _____ "História de uma neurose infantil" (1918
1914, in Edição Standard Brasileira, vol. XVII, Rio
de Janeiro: Imago Editora, 1969.
- 31) _____ "Psicogênese de um caso de homossexualismo -
numa mulher" (1920), in Edição Standard Brasileira, Vol.
XVIII, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
- 32) _____ "Além do princípio do prazer" (1920), in E-
dição Standard Brasileira, vol. XVIII, Rio de Janeiro:
Imago Editora, 1976.
- 33) _____ "Psicologia de grupo e análise do ego" (1921),
in Edição Standard Brasileira, vol. XVIII, Rio de Janei
ro: Imago Editora, 1976.
- 34) _____ "Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na
paranóia e no homossexualismo" (1922), in Edição Stan-
dard Brasileira, vol. XVIII, Rio de Janeiro: Imago Edi
tora, 1969.
- 35) _____ "A organização genital infantil: uma interpo
lação na teoria de sexualidade" (1923), in Edição Stan-
dard Brasileira, vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago Edito
ra, 1976.
- 36) _____ "Dois verbetes de enciclopédia" (1923 1922)
in Edição Standard Brasileira, vol. XVIII, Rio de Janei
ro: Imago Editora, 1976.

- 37) _____ "O ego e o id" (1923), in Edição Standard Brasileira, vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
- 38) _____ "O problema econômico do masoquismo" (1924), in Edição Standard Brasileira, vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
- 39) _____ "A dissolução do complexo de Édipo" (1924) , in Edição Standard Brasileira, vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
- 40) _____ "Uma breve descrição da psicanálise" (1924 1923, in Edição Standard Brasileira, vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
- 41) _____ "Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos" (1925), in Edição Standard Brasileira, vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago Editora , 1976.
- 42) _____ "Um estudo auto-biográfico" (1925 1924) in Edição Standard Brasileira, vol. XX, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
- 43) _____ "Inibições, sintomas e angústia" (1926), in Edição Standard Brasileira, vol. XX, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
- 44) _____ "O futuro de uma ilusão" (1927), in Edição Standard Brasileira, vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.

- 45) _____ "Dostoiewski e o parricídio" (1928 1927),
in Edição Standard Brasileira, vol. XXI, Rio de Janeiro:
Imago Editora, 1974.
- 46) _____ "Mal-estar na civilização" (1930 1929),
in Edição Standard Brasileira, vol. XXI, rio de Janeiro:
Imago Editora, 1974.
- 47) _____ "Sexualidade feminina" (1931), in Edição Stan-
dard Brasileira, vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago Editora,
1974.
- 48) _____ "Novas conferências introdutórias sobre psica
nálise" (1933 1932), in Edição Standard Brasileira ,
vol. XXII, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
- 49) _____ "Moisés e o monoteísmo - tres ensaios" (1923
1934-38), in Edição Standard Brasileira, vol. XXIII,
Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.
- 50) _____ "Esboço de psicanálise" (1940 1938), in
Edição Standard Brasileira, vol. XXIII, Rio de Janeiro: I
mago Editora, 1975.
- 51) _____ "Projeto para uma psicologia científica (1950
1895), in Edição Standard Brasileira, vol. I, Rio
de Janeiro: Imago Editora, 1969.
- 52) _____ "Rascunho L" (1950 1897), in Edição Stan-
dard Brasileira, vol. I, Rio de Janeiro: Imago Editora ,
1977.

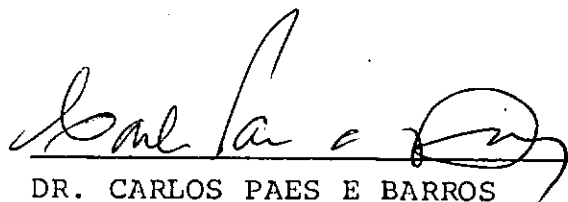
- 53) _____ "Carta a Fliess nº 64" (1950 1897), in Edição Standard Brasileira, vol. I, Rio de Janeiro: I mago Editora, 1977.
- 54) _____ "Rascunho N" (1897), in Edição Standard Brasileira, vol. I, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.
- 55) _____ "Carta a Fliess nº 71" (1950 1897), in Edição Standard Brasileira, vol. I, Rio de Janeiro: I mago Editora, 1977.
- 56) _____ "Carta a Fliess nº 125" (1950 1899), in Edição Standard Brasileira, vol. I, Rio de Janeiro: I mago Editora, 1977.
- 57) Grinberg, León. Teoria de la identificación, Buenos Aires: Paidós, 1976
- 58) Heimann, Paula "A contribution to the problem of sublimation and its relation to processes of internalization" in International Journal of Psychoanalysis, (1942) 23, 12-17.
- 59) Kernberg, Otto F. "Further contributions to the treatment of narcissistic personalities", in International Journal of Psychoanalysis, (1974), 55, 215-239.
- 60) Koff, R.H. "A definition of identification. A review of the literature", in International Journal of Psychoanalysis, (1961), 42.

LEITURAS ADICIONAIS

- 1) Altman, L.L. "A case of narcissistic personality disorder: The problem of treatment" in Int. J. Psicho-Anal. (1975) 56, 187.
- 2) Bleichmar, Hugo Introduccion al estudio de las pervesiones. La teoria del Edipo em Freud y Lacan. (2ª edição), Argentina: Helguero Editores, 1978.
- 3) Brody, M.W., Mahoney, V.P. "Introjection identification - and incorporation." in Int. Journ. of Psycho-Anal (1964) - 45, 57-63.
- 4) Erichson, E.H. "Sobre el sentido de identidad interna" in Knight, R.P. Teoria Psicoanalitica, Buenos Aires: Ediciones Hormé.
- 5) fairbairn, W.R. Estudio psicoanalítico de la personalidad (3ª edição), Buenos Aires: Ediciones Hormé, 1970.
- 6) Fenichel, O. "The pregenital antecedents of the Oedipus - complex" (1930), in Collected Papers of Otto Fenichel: - First series, N.Y., W.W. Norton & Co. Inc. 1953.
- 7) Freud, S. "Algumas observações gerais sobre ataques histé- ricos" (1909 1908) in Edição Standard Brasileira, vol. 9, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
- 8) _____ "Notas sobre um caso de neurose obsessiva" - (1909), in Edição Standard Brasileira, vol. 10, Rio de Ja- neiro: Imago Editora, 1970.

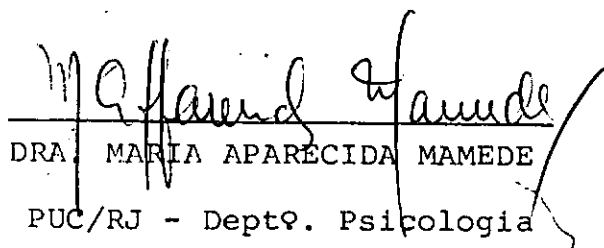
- 9) _____ "A questão da análise leiga" (1926), in Edição Standard Brasileira, vol. 20, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
- 10) _____ "Construções em análise", (1937), in Edição Standard Brasileira, vol. 23, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.
- 11) Fuchs, S.E., "On introjection", in Int. J. Psycho-Anal. - (1937), 18, 269-293.
- 12) Grinberg, León "El individuo frente a su identidad", in Revista de Psicoanálisis, Buenos Aires, 18 (4), 344-60 , 1961.
- 13) Hanly, C., Masson, J. "A critical examination of the new narcissism" in Int. J. Psycho-Anal. (1976) 57, 49.
- 14) Heimann, Paula "Uma contribución a la revolución del complejo de Edipo em las etapas tempranas" in klein M. e outros Nuevas Direcciones em Psicoanálisis, Buenos Aires: - Paidós 1972.
- 15) Modell, A. H. "A narcissistic defence against affects and the illusion of self-sufficiency" in Int. J. Psycho-Anal. (1975) 56, 275.
- 16) Monro, Lois "Clinical notes on internalization and identification" in Int. Journal of Psychoanalysis, (1952) 33, 132-143.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ. fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores.

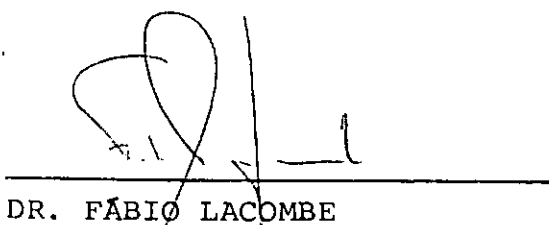


DR. CARLOS PAES E BARROS
(orientador)

PUC/RJ - Depto Psicologia




DRA. MARIA APARECIDA MAMEDE
PUC/RJ - Depto. Psicologia



DR. FÁBIO LACOMBE

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1980



VERA MARIA FERRÃO CANDAU
Coordenadora dos programas de
Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas.